

VOZ OPERÁRIA

Nº 362 ★ Rio de Janeiro ★ 21 de abril de 1956

DISSOLVIDO O BIRO
DE INFORMAÇÃO DOS
PARTIDOS COMUNISTAS
E OPERÁRIOS

(Na 3ª Página)

ORGANIZAR AS MASSAS, TUDO FAZER POR UNIR AS MASSAS EM TÓRNO DE SEUS INTERESSES VITAIS

O PRINCIPAL no trabalho organizador dos comunistas é a atividade entre as massas, a organização das massas para que lutem por cumprir as tarefas que o Partido ante as mesmas coloca como intérprete dos próprios interesses das massas. Organizar as massas e tudo fazer por unilas em defesa de suas reivindicações, é, pois, uma tarefa permanente dos comunistas. A organização e a união das massas deve estar no centro da atividade dos comunistas que sem estarem profundamente ligados às massas ficariam na situação de generais sem exército.

A experiência indica que ali onde os comunistas compreendem que o seu papel no movimento de massas é o de impulsionadores da unidade os êxitos não se fazem esperar. A isto, por exemplo, deve-se o sucesso da Conferência Paulista de Defesa das Leis Sociais. Sabe-se que no movimento operário brasileiro as duas correntes políticas mais ponderáveis são constituídas pelos trabalhistas e pelos comunistas. Há também, é claro, operários partidários de outras correntes políticas em São Paulo. Por isso, a unidade para ser forjada e impulsionada deve ser proposta não em torno de reivindicações inviáveis ou abstratas, e sim em torno de questões concretas de interesse comum, tais como a liberdade sindical, o salário-mínimo, a previdência social, etc. Foi por se mostrarem na prática firmes defensores dessas conquistas dos trabalhadores, sem a pretensão de serem os donos do movimento sindical, posição esta inaceitável, que os comunistas de São Paulo muito contribuíram para o êxito da importante realização dos sindicatos paulistas que foi a Conferência de Defesa das Leis Sociais.

O Congresso de Defesa do Algodão da Alta Sorocabana é outro exemplo da atuação unitária dos comunistas no movimento de massas. A que se deve o êxito da realização? A que souberam os comunistas persuadir os representantes tanto dos camponeses pobres e médios (meeiros e parceiros) como dos arrendatários capitalistas e dos grandes fazendeiros a unir suas forças em torno da questão que a todos unifica sem suscitar divergências: a fixação de um preço mínimo compensador. No caso, tomar como bandeira a reivindicação do preço mínimo e das relações com todos os países, significou agir com a compreensão de que qualquer passo para a unidade no campo é um fator a mais no sentido de mobilizar e despertar aquelas camadas que são o aliado fundamental do proletariado, ou sejam, os camponeses pobres e os assalariados agrícolas.

Saber refletir de forma justa os anseios das massas, traduzindo esses anseios na ação e na luta unitária, é uma demonstração de amadurecimento político e de atuação à altura das exigências que a vida coloca diante de nós. E ao contrário, agir de forma estreita e com vistas curtas, para satisfazer uns poucos e não satisfazer os anseios das massas, que querem ação comum em torno de interesses comuns, é cair no terreno do sectarismo pernicioso e estéril que, em último caso, só serve aos inimigos da independência e da democracia. Por isso, atuar no seio das massas, organizar as massas vendo tudo aquilo que une as forças democráticas e do trabalho, é mais do que um imperativo do momento, é o primeiro dever dos comunistas, homens e mulheres que se caracterizam pelo seu espírito amplo e construtivo, lutadores conseqüentes pelos nobres objetivos da independência e o progresso da Pátria, objetivos estes que só podem ser alcançados com a organização e a união das massas em torno dos seus interesses vitais.



O senador Gilberto Marinho, tendo ao lado o Presidente da Comissão Executiva do II Congresso Pró-Autonomia, vereador Levi Neves, fala na sessão de encerramento do democrático conclave. Vê-se também um aspecto da assistência que superlotou o Teatro João Caetano, no Distrito Federal. (Noticiário na 12ª página)



Mensagem
de Prestes
ao II Congresso

Pró-Autonomia
(NA 12ª PÁGINA)

FALA BULGANIN SOBRE A VISITA A INGLATERRA

(NA 6ª PÁGINA)

POR QUE É JUSTA A LUTA PELA ANISTIA AMPLA

(NA 11ª PÁGINA)

A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA DITADURA DO PROLETARIADO

(Editorial do «Diário do Povo», de Pequim, sobre o XX Congresso do PCUS)

(Nas 4ª e 5ª Páginas)

O 86º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE V. I. LÊNIN

A data de 22 de abril assina o nascimento, em 1870, em Simbirsk, hoje Uliánovsk, de Vladimir Ilitch Uliánov Lénin, grande teórico e chefe do proletariado mundial, criador do marxismo da época do imperialismo, fundador do Partido Comunista da União Soviética e do primeiro Estado Socialista da história.

Todo o povo soviético comemora nessa data o 86º aniversário de nascimento de Lénin, cujo nome imortal vive não apenas no coração dos povos da União Soviética mas de toda a humanidade trabalhadora. 22 de abril é, dêsse modo, uma data cara às pessoas progressistas. Assim como os povos da URSS e dos países de democracia popular e a opinião democrática dos países capitalistas, que sabe apreciar o valor histórico mundial da vida e da obra de Lénin, celebrará a 22 de abril a data de nascimento do eminente pensador e estadista.

MAIS AMPLA AINDA A LUTA MUNDIAL PELA PAZ E O DESARMAMENTO

ENTRE os dias 5 e 9 de abril reuniu-se na capital sueca a sessão extraordinária do Conselho Mundial da Paz. Na sessão estiveram presentes 150 delegados e 100 convidados, que acorreram de 71 países.

Falando na sessão de 9 de abril, em nome dos partidários da paz de nosso país, o deputado Federal Jonas Bukiense mostrou que o Brasil é um dos raros Estados em que a Constituição proíbe a propaganda de guerra e estipula que a nação jamais se empenhará em guerras de conquista.

Declarou também que os verdadeiros fundamentos da paz vedam a exploração das nações menos desenvolvidas e pressupõem um sincero espírito de ajuda mútua. No Brasil — disse ainda o deputado Jonas Bukiense — a imensa maioria do povo é favorável ao estabelecimento de trocas comerciais entre todos os países. Terminou pedindo que seja aplicada a parte da Carta do Atlântico relativa ao respeito ao direito de todos os povos escolherem sua forma de governo.



Na sessão extraordinária do Conselho Mundial da Paz, recentemente realizada em Estocolmo, na foto acima, foram adotadas importantes resoluções para a luta dos povos pela paz e o desarmamento.

Apelo à Opinião Pública Mundial

A humanidade inteira quer o desarmamento. A corrida armamentista sempre gerou miséria e insegurança; sempre conduziu à guerra. A existência de armas de destruição em massa hoje agrava ainda mais os perigos, alimenta a desconfiança nas relações internacionais.

No entanto, depois de muitos anos de tensão, estabeleceu-se um clima novo nas relações entre as grandes potências. Aproximaram-se as posições de tais potências em relação ao desarmamento. O entendimento efetivo depende agora de um esforço comum de conciliação.

A opinião pública mundial reforçará sua ação e sua vigilância até fazer prevalecer o desarmamento geral e a interdição total da fabricação e do emprego das armas atômicas ou termonucleares.

Simultaneamente e em cada etapa deverão ser aplicadas as adequadas medidas de controle. A isso não pode servir de obstáculo nenhuma medida de caráter técnico.

Para esse objetivo devem ser concertados acordos pré-

vios que favoreçam as negociações, visando a uma convenção mundial do desarmamento:

— os armamentos e as forças armadas de todos os países, começando pelas grandes potências, devem reduzir-se, de comum acordo a um nível convencionado;

— o comércio de armamentos deve ser colocado sob o estrito controle da Organização das Nações Unidas;

— deve-se pôr fim às explosões nucleares experimentais, que tão profundamente inquietam a consciência universal.

Todo o progresso conseguido em matéria de desarmamento favorecerá a solução, não somente de problemas como o da Alemanha — para o qual ainda não se encontrou uma solução pacífica — mas também de todas as diferenças que ameaçam a paz em várias regiões do mundo.

Todo o progresso alcançado no terreno do desarmamento aliviará o peso dos encargos militares que arruinam a economia das nações e fazem baixar o nível geral de vida. Ajudará a solução dos problemas vitais

dos quais dependem a prosperidade e a dignidade dos povos, grandes ou pequenos que sejam.

A opinião pública de todos os países tem contribuído de maneira decisiva no sentido da evolução para a paz, para o entendimento internacional.

Atualmente, manifestam-se prenúncios de uma verdadei-

ra cooperação pacífica entre os Estados.

Os povos podem transformar tais promessas em realidade.

Os povos tem o direito de dirigir-se aos seus governos exigindo atos concretos de desarmamento.

Tornarão mais próxima, assim, a hora em que toda a humanidade, liberada da ameaça e do medo, se consagre por completo às grandes obras da paz.

Estocolmo, 9 de abril de 1956.

DECLARAÇÃO

A situação internacional se caracteriza pelos progressos no terreno dos entendimentos.

Em todos os países e en-

tre os diferentes setores da opinião pública está-se de acordo em acentuar que a cessação da corrida armamentista deve constituir o

primeiro passo para o restabelecimento da confiança e da cooperação entre todos os Estados.

O Conselho Mundial da Paz não pensa ser o único que expressa esta exigência da opinião pública. Em favor do desarmamento se pronunciam grandes forças organizadas, partidos políticos, organizações religiosas, profissionais, culturais e outras. A ação coordenada de todos permitirá suprimir definitivamente, no Oriente e no Ocidente, a desconfiança que ainda pesa sobre os atos e as relações dos governos e promoverá a conclusão dos primeiros acordos sobre o desarmamento.

Esta ação exige eficazes ligações entre nosso Movimento da Paz, os partidos políticos, os sindicatos e to-

das as organizações pacíficas, as igrejas, as organizações e movimentos religiosos, as forças morais e as personalidades representativas das opiniões mais diversas. Os anos da guerra fria tornaram impossível estabelecer até agora ligações com alguns destes; mas o alívio da tensão abre hoje perspectivas para uma ação conjunta.

O Conselho Mundial da Paz encarrega a sua presidência de estabelecer os contatos necessários para que na base da igualdade e do respeito a cada um, a ação de todos traga por fim ao mundo a confiança, o desarmamento e cooperação internacional.

Estocolmo, 9 de abril de 1956.

TELEGRAMA AO SUBCOMITÊ DO DESARMAMENTO

EM nome dos seus membros e convidados presentes na Sessão Extraordinária de Estocolmo, o Conselho Mundial da Paz saudou o Subcomitê do Desarmamento e expressa a sua firme convicção de que um acordo é realizável.

Os planos que já foram apresentados e as esperanças que fizeram nascer na Conferência dos Chefes de Estado em Genebra, reanimaram a confiança de centenas de milhões de pessoas. O alívio da tensão internacional leva a opinião pública

a pensar que na presente sessão do Comitê do Desarmamento se pode e deve chegar a um acordo, pelo menos em certo número de questões.

O Conselho Mundial da Paz pede ao Subcomitê do Desarmamento que não frustre esta imensa esperança.

O mundo inteiro aguarda as primeiras medidas do desarmamento; estas estimularão a confiança recíproca de povos e governos e permitirão uma verdadeira colaboração internacional.

Estocolmo, 9-4-1956.



A Viagem de Bulgânin e Kruschiov

DESDE o dia 18 do corrente, encontram-se na Grã-Bretanha, em visita oficial, os estadistas soviéticos N. A. Bulgânin e N. S. Kruschiov que, em nome de seu país, vão discutir com os dirigentes britânicos os assuntos mais palpitantes da atualidade mundial e das relações mútuas, em busca de uma linguagem comum para a preservação da paz e o estreitamento dos laços de amizade entre todos os povos.

O amplo espírito cordial que anima o Governo soviético nesse empreendimento é perfeitamente consentâneo com a linha geral da diplomacia soviética, baseada na coexistência, e está, ademais, bem exposto na entrevista que o marechal Bulgânin concedeu ao «Times» e que vai transcrita noutro local desta edição.

Diferente, entretanto, é a posição dos círculos belicistas que se inquietam sobre o modo com a simples presença de Bulgânin e Kruschiov em Londres. A teia de intrigas difundidas a mancheias somou-se até, na ante-vespera do desembarque, o torpe atentado ao túmulo de Karl Marx.

A recente estada de G. Malenkov na Grã-Bretanha já demonstrou, todavia, a grande receptividade do povo britânico à amizade com a U.R.S.S. o que é, desde há, uma garantia de que estão fadadas ao fracasso as diversas provocações ensaiadas, ou por praticar. A viagem tem um êxito certo, pois que o é em si mesma. Parece agora um fato remoto o tempo obscuro em que os dirigentes da Grã-Bretanha recusavam sistematicamente qualquer reunião em alto nível com os líderes soviéticos, interrompendo mesmo as usuais palestras entre os ministros das relações exteriores. Desde a reunião de Berlim, de 1954, e, principalmente, desde a Conferência de Genebra entre os

Chefes de Governo, o método das negociações internacionais vai ganhando terreno em substituição ao da «guerra fria» erigido por bem conhecidos círculos do ocidente. E a viagem de Bulgânin e Kruschiov enquadra-se, precisamente, nessa renovação de contactos e na discussão franca de pontos de vista, buscando soluções pacíficas.

Assim, mesmo que a visita dos estadistas soviéticos não viesse a dar frutos diplomáticos mais amplos, o simples contacto com os dirigentes britânicos e seu povo seria uma contribuição ao alívio da tensão mundial.

E' de esperar, entretanto, que dos entendimentos procedam algumas alterações de posições em algumas questões internacionais, entre elas a do comércio Leste-Oeste, ou, mais especificamente, o comércio anglo-soviético. A declaração de Bulgânin de que não serão debatidos assuntos que prejudiquem interesses de terceiras potências não impedirá, entretanto, que sejam debatidos assuntos tão importantes como a questão alemã, a segurança europeia e o desarmamento nos quais se aproximaram ultimamente as posições dos dois países. O que não se deve aguardar é a modificação automática de certos pontos de vista, antes de novos debates com outros interessados.

A soma de profundas divergências que ainda separam os dois governos em certos assuntos não seria, é claro, prontamente resolvida na série de conferências programadas, nem que seja tão fácil encontrar os dirigentes da Grã-Bretanha uma linguagem tão amplamente comum, como a alcançada com os estadistas indianos e birmaneses, que estão à testa de países que não têm qualquer espécie de contradição aguda com a U.R.S.S. Mas o objetivo da viagem de Bulgânin e Kruschiov é, sobretudo, fazer com que avance a causa do entendimento internacional. E não há dúvida de que isso será alcançado.

ESTARRECEDORA DENÚNCIA DA OFENSIVA LANQUE CONTRA NOSSO MINÉRIO ATÔMICO

OS imperialistas norte-americanos vêm, há muitos anos, empenhando todos os esforços e recorrendo a todos os meios para apropriar-se de nossas jazidas de minérios atômicos, notadamente de urânio. A denúncia foi feita pelo almirante Alvaro Alberto, ex-presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, perante uma Comissão Especial da Câmara dos Deputados. O almirante Alvaro Alberto que, na presidência do C.N.P., resistiu patrioticamente à pressão lanque, denunciou principalmente:

1 — Ao ser discutido o Plano Baruch no Conselho de Energia Atômica da O.N.U. os americanos tentaram a desapropriação das jazidas de minérios atômicos do Brasil, prevendo o controle por aquele organismo internacional sobre a pesquisa, produção, exportação e aproveitamento dos minérios radioativos. O projeto continha uma cláusula que roubava ao Brasil a propriedade e a utilização de suas riquíssimas jazidas de urânio e tório.

2 — Foi aprovada uma emenda brasileira, revogando a cláusula da desapropriação compulsória em benefício da Comissão Mundial de Controle da Energia Atômica, prevista no plano, e tornando a desapropriação das jazidas dos minérios radioativos não obrigatória. Desde então os Estados Unidos passaram a impedir, por todos os meios, que o Brasil comece a aproveitar seu minério atômico e desenvolva sua indústria atômica.

3 — Eram misteriosamente interceptados os relatórios secretos enviados por ele, Almirante Alvaro Alberto, ao então presidente da República, sr. Eurico Dutra, a propósito da missão que desempenhava, nos Estados Unidos, junto ao Conselho de Energia Atômica e das conversações que então mantinha com o presidente da Comissão Atômica Americana, Gordon Dean. Esses relatórios eram enviados pela mala diplomática e seu desaparecimento (nunca chegaram às mãos do sr. Dutra) envolve o então ministro do Exterior, sr. João Neves da Fontoura. Evidencia-se aí a audácia com que agem os gangsters norte-americanos quando se trata de assaltar nossas riquezas.

Documentos estorrecedores

Em seu depoimento perante a Comissão Especial da Câmara, o almirante Alvaro Alberto referiu-se a estorrecedores documentos que provam toda a trama imperialista visando apossar-se de nossos minérios radioativos. Esses documentos, de natureza rigorosamente secreta, serão dados ao conhecimento da Comissão em sessão secreta, especialmente convocada para esse fim. Lembrou o almirante, por fim, que, já em 1945, ao chocar-se o Plano Baruch com a Constituição Brasileira, que não permite a alienação das riquezas minerais do país, os americanos insinuaram, cinicamente, a reforma de nossa Constituição. Para todos os patriotas fica, pois, mais evidente a quem interessa a reforma da Carta Constitucional, pretendida atualmente.

A nação toma conhecimento dessas denúncias estorrecidas. É grande a indignação patriótica por elas despertada, tanto mais quando a ofensiva imperialista contra nossos minérios atômicos é cada dia mais furiosa, particularmente depois do criminoso Acordo Atômico firmado pelo governo Café Filho com os Estados Unidos.

Esses fatos reforçam a luta pelo monopólio estatal dos minérios radioativos, objetivo que anima, no momento, a todos os patriotas brasileiros.

Está Sendo Violada a Lei da Petrobras

Confissão comprometedoras do Cel. Janari Nunes - Hoje mais do que nunca é necessário reforçar a vigilância em defesa do monopólio estatal

AO realizar no fim da última semana uma conferência em São Paulo, o presidente da Petrobras fez afirmativas e revelações que não podem deixar de suscitar justificados protestos de parte da opinião pública. Revelou o cel. Janari Nunes, com a maior sencermônia o desrespeito que se verifica atualmente à lei que estabeleceu o monopólio estatal para a pesquisa, lavra, refinação e transporte do óleo. Trata-se de que o governo decidiu negociar com empresas estrangeiras a perfuração do petróleo. Esse acordo só não foi firmado, segundo o presidente da Petrobras, porque essas empresas estrangeiras, cujo nome não revela, desejavam realizar perfurações somente na Bahia. Intormou ainda que realizará acordos desse gênero para

perfurações na Amazônia. Apesar de que afirma que tudo será feito «sem quebra dos princípios vigentes», não há como negar que se trata de uma perigosa violação do monopólio estatal exercido pela Petrobras.

Ainda mais: o coronel Janari em sua conferência levantou a bandeira da Standard Oil e do sr. Juarez Távora, segundo a qual seria necessário reexaminar a nossa legislação se, no prazo de dois anos, não der a Petrobras resultados definitivos. Com tal afirmativa não pode concordar o povo brasileiro, que não poupou sacrifícios na luta pela criação da Petrobras. Muito menos se justifica essa perspectiva quando, na mesma ocasião, afirmou o coronel Janari que as refinarias nacionais estarão produzindo, em 1960, 200 mil barris diários, cifra, portanto, superior a

25% ao consumo do país no ano passado. A experiência mostra, dessa maneira, as plenas possibilidades de êxito do empreendimento.

Nestas circunstâncias, o que espera o povo do governo é a firme disposição e um programa concreto, na base do Plano de 5 anos aprovado no Congresso Nacional de Defesa do Petróleo, para tornar o país nesse período autossuficiente em matéria de petróleo. As declarações capitulacionistas do presidente da empresa estatal só contribuem para nutrir a ação insidiosa da Standard e para gerar, no seio do povo, a desconfiança em relação à ação governamental.

Tudo isto mostra que não é possível ao povo brasileiro arrefecer um só instante sua patriótica vigilância em defesa dessa conquista histórica que é a Petrobras e o monopólio estatal do petróleo brasileiro.

Em Marcha Para a Conferência Nacional de Trabalhadoras

CONTINUAM, em todo o país, os preparativos para a Conferência Nacional das Mulheres Trabalhadoras. A Comissão Nacional Patrocinadora trabalha ativamente.

No Rio, o Sindicato dos Textéis instalou seu Departamento Feminino. Reuniões nas fábricas vêm sendo realizadas, para debate do tema da Conferência. O Sindicato dos Trabalhadores em Moinhos elegeu cinco delegados à Conferência Nacional, tendo eleito, também, uma Comissão Pró-Conferência. O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados e Anexos têm realizado reuniões preparatórias, nas quais se discutem os problemas mais sentidos das trabalhadoras desse setor. O Departamento Feminino do Sindicato está sendo fortalecido, desenvolvendo-se importantes iniciativas com o fim de organizar as mulheres trabalhadoras na indústria. As operárias metalúrgicas têm realizado reuniões e marcham para a organização do Departamento Feminino do Sindicato.

Outros setores começam a participar ativamente da preparação da Conferência.

Em São Paulo, a Conferência Estadual será realizada no próximo dia 26, com grande participação das massas femininas. Um intenso trabalho preparatório está sendo realizado. Já se reuniram em conferências municipais, como a de Piracicaba. A de Ribeirão Preto está marcada para o dia 22 do corrente. Fato importante é a participação de mulheres camponesas e trabalhadoras agrícolas nas conferências.

No Estado do Rio a Comissão Estadual Patrocinadora vem promovendo atos e palestras de propaganda da Conferência e debate dos seus objetivos.

No Pará, organizações femininas e sindicais estão realizando reuniões preparatórias do conclave e discutindo o envio de uma delegação ao mesmo.

Em Alagoas, o Sindicato dos Textéis já elegeu sua delegada à Conferência.

Dissolvido o Birô de Informação Dos Partidos Comunistas e Operários

TEXTO DO COMITADO FIRMANDO PELOS COMITÊS CENTRAIS DOS OITO PARTIDOS QUE O COMPUNHAM

«L'Unitá», órgão central do Partido Comunista Italiano, publicou o seguinte comunicado a respeito do Birô de Informação dos Partidos Comunistas e Operários:

«A constituição, em 1947, do Birô de Informação dos Partidos Comunistas e Operários foi necessária para preencher o vácuo que se formara entre os partidos comunistas, após a dissolução do Comintern. Ela contribuiu, de maneira notável, para reforçar o internacionalismo proletário nas fileiras do movimento internacional e melhor agrupar a classe operária e todos os trabalhadores na luta por uma paz estável, pela democracia popular e o socialismo.

O Birô de Informação e seu órgão de imprensa tiveram uma função positiva no desenvolvimento e no reforço dos laços de solidariedade e na troca recíproca de experiências entre os Partidos Comunistas e Operários, bem como no esclarecimento de problemas da doutrina marxista-leninista, tendo em conta as condições concretas de cada país e a experiência do movimento comunista e operário internacional. Assim, uma ajuda pôde ser dada ao reforço dos partidos irmãos e ao aumento da influência dos Partidos Comunistas entre as massas».

«Entretanto, as modificações ocorridas na situação internacional durante estes últimos anos, a extensão do socialismo além das fronteiras de um único país e sua transformação em um sistema mundial, a formação de uma vasta corrente em favor da paz, compreendendo Estados europeus e asiáticos, socialistas e não-socialistas amigos da paz; o desenvolvimento e o reforço de muitos Partidos Comunistas nos países capitalistas, dependentes e coloniais, sua atividade na luta comum contra o perigo de guerra e contra a reação, pela paz, pelos interesses vitais dos trabalhadores e pela independência nacional de seus países, e, enfim, a tarefa de superação da divisão do movimento operário e do reforço da unidade da classe

operária para levar com êxito ao fim a luta pela paz e pelo socialismo, tudo isto criou novas condições para a atividade dos Partidos Operários e Comunistas. O Birô de Informação dos Partidos Comunistas e Operários não atende mais, tanto por sua composição como pelas normas que regem sua atividade, a essas novas condições.

«Os Comitês Centrais dos Partidos Comunistas e Operários que fazem parte do Birô de Informação, depois de trocarem opiniões a respeito de sua atividade, reconheceram que o Birô de Informação, que haviam criado em 1947, esgotara suas tarefas. Eles decidiram, pois, de comum acordo, cessar de uma vez a atividade do Birô de Informação dos Partidos Comunistas e Operários e a publicação de seu órgão «Por uma Paz Duradoura, por uma Democracia Popular».

«Os Comitês Centrais dos Partidos Comunistas e Operários que faziam parte do Birô de Informação consideram que cada partido ou grupo de partidos encontrará, lutando pelos interesses da classe operária desenvolvendo sua atividade segundo os objetivos gerais dos partidos marxistas-leninistas, e segundo as condições e as características nacionais de cada país, novas formas úteis para estabelecer laços e contactos com os partidos irmãos».

«Os Partidos Comunistas e Operários continuarão, sem dúvida, segundo julgarem útil e tendo em conta as condições concretas de suas atividades, as trocas de idéias a respeito dos problemas comuns da luta pela paz, pela democracia e o socialismo, da defesa dos interesses da classe operária e da mobilização das massas populares contra o perigo de guerra. Ao mesmo tempo, examinarão os problemas da colaboração com os partidos e com as correntes que se orientam para o socialismo, e também com outras organizações que tendem a consolidar a paz e a democracia. Tudo isto reforçará o espírito de colaboração recíproca entre os Partidos Comunistas e Operários, nas bases do internacionalismo proletário, tudo isto reforçará entre eles os laços fraternais no interesse da causa da paz, da democracia e do socialismo».

O texto em apreço é assinado pelos Comitês Centrais do Partido Comunista Búlgaro, do Partido Húngaro dos Trabalhadores, do Partido Comunista Italiano, do Partido Operário Unificado Polonês, do Partido Operário Rumeno, do Partido Comunista da União Soviética, do Partido Comunista da Tchecoslováquia e do Partido Comunista Francês.

FATOS da SEMANA

AVOLUMASE a oposição pública e dos partidos democráticos contra a projetada reforma constitucional, que visa «depurar» a Carta Magna de seus aspectos democráticos. O sr. Nereu Ramos, porém, insiste na criação de uma «comissão especial do Congresso» — na verdade um super-Congresso antidemocrático — para ser o órgão da delegação dos poderes com que atualmente sonham os reacionários a fim de fazer com que o Parlamento deixe de ser sensível à vontade popular. Em face da resistência oferecida à pretensão das forças reacionárias, cogitam os reformistas de voltar à carga na sessão legislativa de 1957. A opinião pública deve, entretanto, continuar vigilante contra a reforma.

— NAS ATUAIS condições do Brasil, a adoção do parlamentarismo é uma aventura muito perigosa — declarou o ministro da Guerra, general Lott, acrescentando que não lhe parece «aconselhável tal mudança no regime sem que o povo se tenha manifestado a respeito».

NO BANQUETE oferecido pelos juristas ao novo ministro do Supremo Tribunal Federal, sr. Ary Franco, o professor Roberto Lyra, catedrático da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, pronunciou veemente discurso em defesa da Constituição, e implicitamente contra a reforma da Constituição projetada pelo sr. Nereu Ramos, defendendo a tese de que a única fonte do poder é o povo.

TERMINOU a greve dos trabalhadores das empresas de transporte marítimo entre o Rio e Niterói, sendo concedido o aumento de salários por eles pretendido, que vigorará a partir de 1º de março. Em virtude do acordo efetuado entre o Ministro Lúcio Meira e os proprietários das barcas, as tarifas também foram aumentadas: lanchas e barcas cobrarão Cr\$ 5.50 pelo percurso Rio-Niterói.

CONTRARIANDO os anseios dos cotonocultores, que reivindicaram o preço mínimo de 180 e 184 cruzeiros por arroba de algodão nos recentes congressos do Presidente Prudente e Assis, o governo fixou o preço mínimo de 135 cruzeiros para o produto de São Paulo e regiões limítrofes. A exclusão dos Estados nordestinos (Ceará, Rio G. do Norte e Paraíba), grandes produtores de algodão, vem provocando também justificados reclamos.

A Dominação do Imperialismo Norte-Americano no Brasil — 4

NAS três edições anteriores procuramos mostrar aos leitores, em traços rápidos e gerais, o quadro da dominação imperialista sobre nosso país, desde o período anterior à primeira guerra mundial até os dias atuais. Vimos como os imperialistas ingleses, que aqui dominavam como senhores absolutos, tiveram que perder suas posições para os concorrentes norte-americanos, em uma disputa reñida na qual participaram, com não menor voracidade, os imperialistas franceses, alemães e japoneses. Atualmente é o imperialismo lanque que aqui exerce o absoluto predomínio, embora isso não signifique, de modo algum, que os concorrentes tenham desistido da luta por conquistar posições e privilégios no Brasil.

Vejam, hoje, algumas questões sobre a participação dos imperialistas norte-americanos na economia nacional

Dominação nos setores fundamentais

Segundo dados publicados por «Conjuntura Econômica», número de janeiro de 1955, funcionam em nosso país, publicando seus balanços no «Diário Oficial», 2.571 (duas mil quinhentas e setenta e uma) empresas nacionais e estrangeiras. De acordo com os balanços dessas empresas pode-se avaliar seu patrimônio total em 100 a 110 bilhões de cruzeiros (cruzeiros de 1953), excluindo-se o Grupo Light, que não publica seus balanços em moeda nacional. O grau de participação norte-americana seria, portanto, de 30% (30,5 bilhões, como vimos na edição anterior) aproximadamente.

Poder-se-ia dizer que esta é uma percentagem pequena e que, por si só, não exprime o predomínio imperialista lanque sobre nossa economia. Poder-se-ia dizer, ainda, que importantes setores de nossa indústria (tecidos, materiais de construção, construção civil) são puramente nacionais. Poder-se-ia alegar, igualmente, que em alguns setores básicos da economia nacional (siderurgia, transportes, produção e refinação de petróleo, Banco do Brasil, etc.) predominam os capitais do Estado. Tudo isso é verdade. Mas é verdade, também, que os capitais norte-americanos predominam NA MAIORIA DOS SETORES IMPORTANTES DA ECONOMIA BRASILEIRA, INCLUSIVE NO SETOR FUNDAMENTAL DA PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA. Nestes setores, a participação das empresas norte-americanas é superior a 50%; a saber: energia elétrica — 87%; comércio atacadista de petróleo — 82%; montagem de caminhões e automóveis — 78%; indústria pesada de borracha — 86%; frigoríficos — 91%; indústrias farmacêuticas e de perfumaria — 85%; indústria de material elétrico — 71%; comércio importador de equipamentos leves — 51%; indústria do vidro — 74%; indústria de calçados — 70%; indústria do alumínio — 59%; comércio do gás engarrafado — 100%. Além desses setores, em que a participação norte-americana é superior a 50%, há outros de menor participação, como o comércio do café, a indústria de refrigerantes, comércio de artigos de vestuário e uso doméstico, etc.

O que não se exprime em percentagens

Importantes aspectos da dominação imperialista e da participação dos trustes lanques na economia nacional não podem, porém, exprimir-se em percentagens. Vejamos, por exemplo, a siderurgia. É certo que neste setor fundamental da indústria predominam os capitais do Estado. Mas é certo, por outro lado, que Volta Redonda ainda vive na dependência do financiamento lanque, do equipamento lanque, das exigências lanques. Ainda agora o anunciado empréstimo de 35 milhões de dólares a Volta Redonda serviu ao sr. Nixon para fazer as mais cínicas exigências ao governo brasileiro. E não é certo que os norte-americanos não permitiram nem pretendem permitir que nossa indústria pesada se desenvolva? Um outro exemplo é o dos minérios. É verdade que na indústria extrativa mineral predominam os capitais nacionais. Mas é certo, igualmente, que os norte-americanos são os senhores absolutos de nossa produção mineral, que monopolizam, impondo-nos preços e contrapostos, ao sabor de seus interesses rapaces. Mais um exemplo, o dos transportes. Tomemos o transporte marítimo. É sabido que, neste setor, o capital é nacional. Mas nosso comércio de importação e exportação é feito predominantemente em navios norte-americanos, o que resulta numa sobrecarga de 10 a 15% em nossas transações com os Estados Unidos. Poderíamos estender os exemplos. Basta, porém, recordar o que dissemos em edições anteriores sobre a situação do comércio exterior brasileiro, que é monopolizado pelos imperialistas norte-americanos e no qual predominam as relações de trocas não equivalentes, que representam uma sangria monstruosa em nossa economia. Lembremos, por fim, a penetração norte-americana no setor bancário. Esta penetração vem crescendo últimamente, sabendo-se, por exemplo, que numerosos bancos paulistas, entre os quais alguns grandes bancos, já se encontram sobre o controle desse povo financeiro que é o Chase Bank.

Continuaremos na próxima edição.

A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA da DITADURA do PROLETARIADO

Na edição de 5 de abril, o «Diário do Povo» («Diário do Povo»), órgão central do Partido Comunista da China, publicou o editorial que a seguir transcrevemos, de acordo com o resumo distribuído pela Agência Nova China. O editorial baseia-se na discussão, realizada na reunião ampliada do Buro Político do P. C. da China, sobre os documentos do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética.

O XX CONGRESSO do Partido Comunista da União Soviética generalizou a nova experiência das relações internacionais e da obra de edificação, em seu próprio país, e adotou várias e importantes resoluções: aplicação consequente da política leninista de coexistência pacífica entre os Estados com diferentes sistemas sociais; desenvolvimento da democracia soviética; rigorosa observância do princípio da direção coletiva no Partido; discussão das debilidades do Partido; aprovação do VI Plano Quinquenal de Desenvolvimento da Economia Nacional da URSS, etc.

A questão da luta contra o culto à personalidade ocupou importante lugar nos trabalhos do XX Congresso do P. C. U. S. O Congresso revelou, com toda a clareza, os fatos relativos à difusão do culto à personalidade, cuja prolongada existência, na vida da sociedade soviética, determinou muitos erros no trabalho, trazendo graves consequências. A crítica corajosa de seus erros, pelo Partido Comunista da União Soviética, evidencia o elevado caráter de princípio e a grande vitalidade do marxismo-leninismo. Tanto no passado como na história contemporânea dos países capitalistas não houve, jamais, um partido dominante ou agrupamento político de exploradores, capaz de revelar, honradamente, seus próprios erros, diante de seus membros, diante das massas populares. Diversa é a conduta do Partido político da classe operária. Este Partido serve aos interesses das amplas massas populares e, como resultado da autocrítica, liberta-se de seus erros, alcança o apoio das amplas massas populares, sem nada perder com isso.

Há algum tempo, ou melhor, há mais de um mês, os reacionários de todo o mundo, com entusiasmo e alegria máis, fazem alarde em torno da crítica feita pelo Partido Comunista da União Soviética ao culto à personalidade. Dizem eles: «Vede, o primeiro Partido Comunista a empreender em seu país a construção do socialismo, o da União Soviética, cometeu sérios erros e tais erros foram cometidos não por uma pessoa qualquer mas por Stálin, dirigente glorificado». Supõem haver encontrado um excelente motivo para desacreditar o Partido Comunista da União Soviética e os Partidos Comunistas dos outros países. Seus esforços são, porém, inúteis. Existe, por acaso, em alguma obra clássica do marxismo a afirmativa de que nunca cometemos erros ou de que os comunistas estão completamente livres de erros? Porventura a crítica e a autocrítica praticadas pelos Partidos Comunistas não indicam que nós, os marxistas-leninistas, sempre negamos a existência de «pessoas infalíveis» que nunca cometem erros mais ou menos sérios? Como se pode, então, admitir que no primeiro país em que se estabeleceu a ditadura do proletariado não possam ser cometidos erros? Em outubro de 1921, V. I. Lênin escreveu:

«Deixai os cães e porcos da burguesia moribunda e da democracia pequeno-burguesa que a segue cobrir-nos de imprecações, censuras e mofas pelos reveses e erros na construção de nosso regime soviético. Não esqueçamos um só minuto que entre nós os erros e reveses foram e são muitos. Como evitá-los na criação de um tipo sem precedentes de organização social, inteiramente novo em toda a história mundial! Lutaremos inflexivelmente pela correção de nossos erros e desacertos, pela melhoria na realização dos princípios soviéticos muito longe, ainda, da perfeição». (Obras, t. 33, pag. 32.)

É impossível supor também que o indivíduo que inicialmente haja cometido alguns erros nunca mais cometa outros erros ou repita os que antes foram cometidos. Depois que a sociedade humana se dividiu em classes antagônicas, atravessou no curso de alguns milhares de anos as formas da ditadura escravagista, feudal e burguesa. Somente com a vitória da Revolução de Outubro a humanidade começou a realizar a forma de poder da ditadura do proletariado. As primeiras três formas representavam ditaduras das classes exploradoras, sendo que a feudal era mais progressista que a escravagista e a burguesa mais que a feudal. No curso de um longo período estas classes exploradoras, que representavam um determinado papel progressista na história do desenvolvimento da sociedade, cometeram inúmeros erros históricos; estes erros foram repetidos seguidamente, até que aquelas classes acumulassem experiência de dominação. Entretanto, na medida em que se aguçou a contradição entre as relações de produção e as forças produtivas, os exploradores não podiam deixar de cometer erros ainda mais sérios e mais numerosos, que conduziram à resistência em massa por parte das classes exploradas, à liquidação do domínio e ao fim dos próprios exploradores.

Por sua natureza a ditadura do proletariado distingue-se radicalmente de toda e qualquer ditadura das classes exploradoras. Esta é a ditadura das classes exploradas, da maioria sobre a minoria, ditadura que tem por objetivo a construção da sociedade socialista, onde não há exploração nem miséria. É a mais progressista e a última ditadura na história da humanidade. Esta ditadura realiza imensas e difíceis tarefas, lutando através de caminhos extremamente tortuosos e nas condições históricas mais complexas. Eis porque, como indicava V. I. Lênin, sob a ditadura do proletariado são completamente possíveis numerosos erros.

Se alguns comunistas manifestam presunção e estagnação ideológica podem inclusive repetir os erros cometidos antes, por eles próprios ou por outros. Nós comunistas deve-

Editorial do «Jeminjipao» («Diário do Povo»), de Pequim, de 5 de abril de 1956

mos ter em conta, obrigatoriamente, esta circunstância. Para vencer contra inimigos fortes, a ditadura do proletariado exige um alto grau de centralização do poder. Esta alta centralização do poder deve combinar-se com a democracia mais completa. Quando se acentua apenas a centralização, podem surgir inúmeros erros. Isto também é perfeitamente compreensível. Entretanto, quaisquer que sejam os erros, a ditadura do proletariado tem, para as massas populares, enorme superioridade sobre qualquer forma de ditadura das classes exploradoras, inclusive a burguesa. V. I. Lênin indicou, com justeza, que «se nossos inimigos nos reprovam e dizem que o próprio Lênin reconhece que os bolcheviques cometeram enorme quantidade de erros grosseiros, a isto quero responder: ficai certos de que, de todos os modos, nossos erros grosseiros são de um gênero completamente diverso dos vossos.» (Obras, t. 33, pag. 391.)

No interesse de seus objetivos exploradores as classes exploradoras sempre tentaram perpetuar sua ditadura, conservá-la de geração a geração. Para isto lançam mão de todos os meios a fim de oprimir o povo. Os erros por elas cometidos são irremediáveis. Quanto ao proletariado, com o objetivo de libertar o povo, no terreno material e espiritual, deve utilizar as possibilidades de sua ditadura para a construção do comunismo, para a libertação da humanidade, para que sua ditadura desapareça gradualmente. Devido a isto é necessário dar plena liberdade ao desenvolvimento da iniciativa e da atividade das massas populares. O desenvolvimento ilimitado da iniciativa e da atividade das massas populares sob a ditadura do proletariado contém a possibilidade de correção dos diferentes erros cometidos na época da ditadura do proletariado.

O dever de todos os dirigentes dos Partidos Comunistas e dos Estados socialistas consiste em cometer o menor número possível de erros, evitar, de todos os modos, os erros graves, aprender as lições dos erros isolados, parciais, eventuais, esforçando-se para que estes não se desenvolvam, transformando-se em fenômenos de consequências mais vastas, e nem deixem de ser corrigidos no curso de um longo período. Para alcançar esse objetivo é necessário que todos os dirigentes do Partido e do Estado sejam muito prudentes e modestos, que mantenham estreitos laços com as massas, aconselhem-se com as massas, estudem constantemente a situação real e realizem sistematicamente a crítica e a autocrítica do seu próprio trabalho. Como o principal dirigente do Partido e do Estado, Stálin cometeu graves erros no último período de sua vida, precisamente porque não agiu deste modo. Tornou-se vaidoso e imodesto. Agiu de modo subjetivista, manifestou unilateralidade em seus pontos de vista e adotou resoluções errôneas em muitas questões importantes, o que trouxe as mais graves consequências.

Depois da vitória da Revolução Socialista de Outubro o povo soviético e o Partido Comunista da União Soviética, sob a direção de V. I. Lênin, criaram numa sexta parte do globo, o primeiro Estado socialista. A União Soviética realizou a industrialização socialista do país e a coletivização da agricultura em ritmo rápido, desenvolveu a ciência e a cultura socialista, criou a firme aliança de muitas nacionalidades e países sob a forma de uma União dos Sovjets, transformou as nacionalidades atrasadas em nações socialistas. No período da segunda guerra mundial a União Soviética, sendo a principal força para a derrota do fascismo, salvou a civilização na Europa e muitos povos do Oriente do extermínio pelo militarismo japonês. Todos estes brilhantes êxitos demonstraram à humanidade a radiosa perspectiva do socialismo e do comunismo, reduziram imensamente a base do imperialismo e ao mesmo tempo tornaram a União Soviética o mais poderoso baluarte da luta por uma paz duradoura em todo o mundo. A União Soviética inspira e apóia outros países na construção do socialismo, infunde ânimo ao movimento pelo socialismo, ao movimento contra o colonialismo, a todos os movimentos pelo progresso da humanidade. Tudo isto representa a grande contribuição do povo soviético e do Partido Comunista da União Soviética à história da humanidade. O caminho para a conquista destas grandes vitórias do povo soviético e do Partido Comunista da União Soviética foi apontado por V. I. Lênin. Na luta pela realização das indicações leninistas são grandes os méritos do C.C. do P.C.U.S. que realizou uma direção eficaz, bem como são grandes os méritos de Stálin, que não podem ser esquecidos.

Depois da morte de Lênin, Stálin, como principal dirigente do Partido e do Estado, aplicou e desenvolveu, criadoramente, o marxismo-leninismo. Na luta em defesa da herança leninista contra seus inimigos — trotskistas, zinovievistas e outros agentes da burguesia — ele expressou a vontade do povo e foi um eminente lutador pelo marxismo-leninismo. Stálin conquistou o apoio do povo soviético e desempenhou um importante papel na história, em primeiro lugar graças a que, juntamente com outros dirigentes do Partido Comunista da União Soviética, defendeu a linha leninista de industrialização do País Soviético, da coletivização da agricultura. A realização dessa linha pelo Partido Comunista da União Soviética conduziu à vitória do regime socialista no país, criou as condições para que a União Soviética alcançasse a vitória na guerra contra Hitler.

A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA DITADURA DO PROLETARIADO

CONCLUSÃO DA 1ª PAGINA

Todas essas vitórias do povo soviético correspondem aos interesses da classe operária de todo o mundo e à vontade da humanidade progressista. É natural, portanto, que o nome de Stalin tenha alcançado enorme projeção em todo o mundo. Entretanto, realizando com justiça a linha leninista e gozando, graças a isso, de grande prestígio entre os povos, tanto em seu país como no exterior, ele avaliou de modo errado seu próprio papel, exaltou a si mesmo em proporções inconcebíveis, sobrepôs sua vontade à direção coletiva, em consequência do que alguns de seus atos entraram em choque com o marxismo-leninismo, o que prejudicou a si mesmo. De um lado, reconhecia que o povo é o criador da história, que o Partido sempre deve manter ligação com as massas, que é necessário desenvolver a democracia interna no Partido, bem como desenvolver a crítica de base, a auto-crítica. De outro lado permitiu e estimulou o culto à personalidade, cometa arbitrariedades. Deste modo, no último período de sua vida, Stalin permitiu-se a separação entre a teoria e a prática nesta questão.

Os marxistas-leninistas reconhecem que os dirigentes podem desempenhar um grande papel na história. O povo e o Partido do povo precisam de dirigentes de vanguarda, capazes de expressar os interesses e a vontade do povo, que estejam nas primeiras filas da luta histórica e dirijam as massas populares. Seria completamente errado negar o papel da personalidade, negar o papel dirigente das pessoas de vanguarda. Entretanto, qualquer dirigente do Partido e do Estado pode perder a capacidade de dirigir eficientemente os assuntos estatais, se se coloca acima do Partido e das massas, se se desliga das massas. Em tais condições, até mesmo personalidades eminentes como Stalin, em relação a certas questões importantes, inevitavelmente adotam resoluções errôneas, que não correspondem ao estado real das coisas. Stalin não soube aprender as lições de erros isolados, eventuais, cometidos na solução de algumas questões. Não soube impedir sua transformação em erros de graves consequências para o Estado.

Nos últimos anos de sua vida, Stalin estimulou cada vez mais o culto à personalidade, violando o centralismo democrático no Partido, violando o princípio da combinação da direção coletiva com a responsabilidade individual. Tudo isto conduziu a erros tão sérios quanto os cometidos ao exagerar a luta contra os inimigos do povo, ao deixar de tomar as necessárias medidas de caráter defensivo às vésperas da guerra antifascista, ao não dispensar a necessária atenção ao ulterior fomento da agricultura e à elevação do bem-estar material dos camponeses. No movimento comunista internacional Stalin cometeu vários erros, especialmente em relação à questão jugoslava. Ao resolver estes problemas, Stalin deu provas de subjetivismo e unilateralidade. Afastou-se da realidade objetiva, desligou-se das massas.

As forças produtivas socialistas em desenvolvimento, o sistema político e econômico do socialismo e a vida do Partido entram dia a dia em contradição cada vez mais aguda e em conflito com a atmosfera do culto à personalidade. A luta que se desenvolveu no XX Congresso do P.C.U.S., contra o culto à personalidade constitui, verdadeiramente, a grande e heróica luta dos comunistas e do povo soviético para varrer os obstáculos ideológicos que se erguem no caminho do progresso.

O Partido Comunista da China saúda os grandes êxitos alcançados pelo Partido Comunista da União Soviética na luta, de significação histórica, contra o culto à personalidade. A experiência da revolução chinesa também ensina que somente apoiando-se na inteligência das massas populares, no sistema do centralismo democrático, na combinação da direção coletiva com a responsabilidade individual, nosso Partido sempre alcançou e alcança, tanto no período da revolução como no período da construção estatal, grandes êxitos e vitórias.

No passado, o Partido Comunista da China sempre lutou, desde os antigos destacamentos revolucionários, contra a elevação do indivíduo acima das massas, contra os «heróis» solitários.

Está fora de dúvida que tais fenômenos, como a elevação do indivíduo acima das massas e o heroísmo individual, podem existir, ainda, durante um período muito longo. Mesmo depois de superados uma vez, tais fenômenos podem reaparecer. Numa época manifestam-se em certas pessoas, noutra época em outras pessoas. Quando as pessoas seguem atentamente a atuação de um homem, podem com frequência deixar de notar a ação do coletivo e das massas. Por isso algumas pessoas, com facilidade, podem cair na autoexaltação descabida, na autodivinização, podem deixar de notar os erros de outrem. Por isso, a luta contra a elevação do indivíduo acima das massas, contra os «heróis» solitários, contra o culto à personalidade, é uma questão que deve merecer, constantemente, enorme atenção.

Na luta contra os métodos subjetivistas de direção, o Comitê Central do Partido Comunista da China adotou, em junho de 1943, uma resolução sobre os métodos de direção. Agora, quando se trata da direção coletiva no Partido, todos os seus membros e dirigentes recordarão com utilidade, como antes, esta resolução. Nela se diz:

«Em toda a atividade prática de nosso Partido a justa direção deve, sempre, basear-se no princípio: aprender com as massas e voltar-se para as massas. Isso significa: somar as opiniões das massas (dissociadas e não sistematizadas) e de novo levá-las às massas (generalizadas e sistematizadas como resultado do estudo), divulgá-las e explicá-las, torná-las idéias das próprias massas, para que estas as defendam e levem-nas à prática; ao mesmo tempo, na base da ação das massas, comprovar a justiça destas idéias. Mais tarde é necessário de novo somar as opiniões das massas e mais uma vez levá-las às massas para que estas as defendam — e assim indefinidamente. Estas idéias tornar-se-ão, desse modo, cada vez mais justas, mais vivas, cada vez mais completas. Isso é o que ensina a teoria marxista do conhecimento.» (Mao Tsé Tung, Obras Escolhidas, t. 4, págs. 218-219.)

No curso de um longo período, ao falar em nosso Partido desse método de direção, chamavam-no em toda parte de

«linha do apoio nas massas». Toda a história do nosso trabalho indica que, quando se observa esta linha, nossa atividade é sempre boa ou relativamente boa. E, inclusive, se são cometidos erros, estes são corrigidos facilmente. Quando não se leva em conta esta linha, nosso trabalho depara-se obrigatoriamente com dificuldades. Este é um método de direção marxista-leninista, é a linha de ação marxista-leninista.

Depois da vitória da Revolução, quando a classe operária e o Partido Comunista tornaram-se força dirigente do Estado, funcionários responsáveis de nosso Partido e do Estado, que caíram sob a influência do burocratismo, depararam-se com grandes perigos: utilizando sua situação nos órgãos estatais podiam enveredar pelo caminho da arbitrariedade, separar-se das massas, fugir da direção coletiva, dirigir pelos métodos administrativos, violar o centralismo no Partido e no Estado. Por isso, se não queremos cair nesse pantano, devemos, com toda a seriedade, praticar a direção baseada na «linha do apoio nas massas», e, em nenhum caso, permitir o menor passo em falso ou a menor negligência. Para isso devemos criar um determinado sistema de trabalho que assegure a realização da «linha do apoio nas massas», e da direção coletiva, evitando, ao mesmo tempo, o exagero do papel da personalidade e do heroísmo individual desligado das massas, diminuir a possibilidade do emprego de métodos de trabalho subjetivistas, unilaterais, desligados da realidade objetiva.

Ao aprender com a luta do Partido Comunista da União Soviética contra o culto à personalidade, devemos, também, continuar a desenvolver a luta contra o dogmatismo.

A classe operária e as massas populares, sob a bandeira do marxismo-leninismo, tomaram o poder em suas mãos; a vitória da revolução e o estabelecimento do poder revolucionário, por sua vez, abrem as possibilidades mais limitadas para o posterior desenvolvimento do marxismo-leninismo. Mas, como depois da vitória da revolução o marxismo tornou-se a idéia dirigente por todos reconhecida, muitos de nossos propagandistas, apoiando-se com frequência no poder administrativo e na autoridade do Partido, apresentam o marxismo-leninismo às massas como um dogma, ao invés de dominar, de modo firme e consequente, o material existente, analisá-lo segundo o marxismo-leninismo com palavras simples, compreensíveis ao povo, com grande poder de convicção, explicar as verdades gerais do marxismo ligadas à realidade concreta da China.

Nos últimos anos, alcançamos alguns êxitos no estudo crítico da filosofia, da economia, da história, da literatura e das artes. Falando, porém, de um modo geral, existem ainda muitos fenômenos negativos. Muitos de nossos pesquisadores ainda pensam de modo dogmático, em limites determinados, e não adquirem a capacidade do raciocínio independente e criador. Num certo sentido, acham-se sob a influência do culto à personalidade, prosternando-se diante de Stalin. É necessário indicar-lhes que hoje como antes deve-se estudar do modo devido as obras de Stalin. Devemos considerar como importante herança histórica tudo de útil que contém suas obras, especialmente aquelas dedicadas à defesa do leninismo, e onde se generaliza de modo acertado a experiência da edificação do socialismo na U.R.S.S. Seria falso agir de outro modo.

Entretanto, existem dois métodos de estudo: o dogmático e o marxista. Alguns estudam as obras de Stalin de modo dogmático, em consequência do que não podem distinguir as teses justas das erradas, e empregam-nas como solução universal em todos os problemas. Desse modo, cometem inevitavelmente erros. Por exemplo, há nas obras de Stalin a seguinte fórmula: nos diferentes períodos da revolução o golpe principal deve ser dirigido no sentido de isolar as forças político-sociais intermediárias. Essa fórmula stalinista deve ser encarada de modo crítico, do ponto de vista marxista. Em alguns casos, pode-se considerar acertado o isolamento das forças intermediárias na sociedade; mas, sob quaisquer condições, isto não é certo. Segundo a nossa experiência, o golpe principal da revolução deve ser dirigido contra os próprios inimigos principais, para isolá-los. No que se refere às forças intermediárias, é necessário lutar contra elas, porém, ao mesmo tempo, devemos nos empenhar para atraí-las ao nosso campo. Em último caso, é necessário neutralizá-las e conseguir, na medida do possível, que passem da posição de neutralidade para o nosso lado, e entrem em aliança conosco, o que permite o desenvolvimento da revolução.

Houve um período (o da guerra civil de 1927 a 1936) em que alguns de nossos camaradas, empregando mecanicamente a fórmula stalinista na Revolução Chinesa, dirigiram o golpe principal contra as forças intermediárias, tomaram-nas como os inimigos mais perigosos, em consequência do que foram isolados e derrotados, não os nossos verdadeiros inimigos, mas nós mesmos, o que se tornou vantajoso para os nossos verdadeiros inimigos. Devido a esses erros dogmáticos, durante a guerra contra os agressores japoneses, o C.C. do Partido Comunista da China, para derrotá-los, elaborou a seguinte política: «Pelo desenvolvimento das forças progressistas, pela conquista das forças intermediárias e pelo isolamento da extrema direita» (Mao Tsé Tung, Obras Escolhidas, tomo terceiro, páginas 366-367). Os fatos demonstram que os dogmáticos, os que abordam a teoria de modo negligente, em nada contribuem para a revolução, para o povo e o marxismo-leninismo, causando-lhes somente os mais sérios males. Do ponto de vista da elevação da consciência das massas populares, do estímulo à sua iniciativa criadora, atuando no sentido de acelerar o desenvolvimento do trabalho teórico e prático, é necessário também no futuro desmascarar os preconceitos dogmáticos.

A ditadura do proletariado (trata-se na China da ditadura da democracia popular dirigida pela classe operária) alcançou uma grande vitória num território habitado por 900 milhões de pessoas. Tanto na União Soviética como na China e nos outros países de democracia popular, existem experiências positivas e negativas. Devemos, também no futuro, generalizar, essas experiências. É necessário estar sempre alerta. Também no futuro poderemos cometer erros. Um importante ensinamento consiste em que os órgãos dirigentes do nosso Partido devem esforçar-se por circunscrever os erros aos limites dos fenômenos parciais e temporários. Não devemos permitir que ao se manifestarem tais

erros eventuais adquiram maior significação e existam durante um longo período.

O Partido Comunista da China, em sua história, cometeu repetidamente erros sérios. No período da revolução de 1924 a 1927 manifestou-se em nosso Partido a linha oportunista de direita cujo representante era Tchen Tu-Hsiu. No período da revolução de 1927 a 1936 três foram as linhas «querdistas» existentes em nosso partido, sendo a mais errônea a de Li Li-Sam, em 1930 e a de Van Min, de 1931 a 1934. Esta última causou sérios danos à revolução. Neste período, numa das mais importantes bases revolucionárias, foi aplicada a linha oportunista de direita, antipartidária, de Tjan Ko-tão, contrapondo-se ao Comitê Central do Partido. Essa falsa linha trouxe sérias perdas a importantes destacamentos das forças revolucionárias.

Os erros acima indicados cometidos em dois períodos da revolução, com exceção da linha de Tjan Ko-tão, que se limitou a uma das importantes bases revolucionárias, foram de âmbito nacional. No período da guerra contra os agressores japoneses, em nosso Partido manifestou-se novamente a linha oportunista de direita cujo representante era Van Min. Entretanto, graças aos ensinamentos adquiridos pelo nosso Partido nos períodos da revolução acima indicados, num período relativamente curto, essa linha errada foi corrigida pelo C.C. do nosso Partido, que não permitiu que se desenvolvesse.

Depois da formação da República Popular Chinesa, em nosso Partido, no ano de 1953, apareceu o bloco antipartidário de Kao Kan-Jao Tschu-Schi. Esse bloco se colocou a serviço das forças reacionárias internas e internacionais, e tinha por objetivo causar danos à revolução. Se o Comitê Central do Partido não descobrisse oportunamente esse grupo antipartidário e não o liquidasse, é difícil imaginar os males que teria causado ao Partido e à revolução.

Disto se pode concluir que a nossa experiência histórica ensina que também o nosso Partido temperou-se no processo da luta contra as diferentes linhas falsas, e graças a isso alcançou a vitória na grande revolução e na obra de edificação. No que se refere a erros isolados e eventuais, estes sempre surgem no trabalho. Somente graças à sabedoria coletiva do Partido e das massas populares, tais erros não encontram condições para seu desenvolvimento, são revelados e superados oportunamente, não adquirem amplas proporções, não se prolongam durante muito tempo e nem se transformam em erros graves que causem males ao povo.

Os comunistas devem analisar os erros cometidos no movimento comunista. Alguns consideram que J. V. Stalin está integral e completamente errado. Este é um equívoco sério. J. V. Stalin é um marxista-leninista eminente. Ao mesmo tempo, porém, cometeu erros graves, sem ter deles consciência do ponto de vista marxista-leninista. Devemos encarar a J. V. Stalin do ponto de vista histórico, analisando de modo completo seus aspectos positivos e negativos, tirando disto variados ensinamentos. Tanto os seus lados positivos quanto negativos são fenômenos do movimento comunista internacional e trazem intrínsecos os traços característicos da época.

O movimento comunista internacional conta em seu conjunto mais de cem anos. Desde a época da vitória da Revolução de Outubro decorreram somente 39 anos. A experiência do trabalho revolucionário ainda é insuficiente. Temos enormes êxitos, mas ao lado destes há deficiências e erros. Do mesmo modo, como a um êxito segue-se outro, na medida em que são corrigidas as deficiências e erros, podem surgir novos erros e deficiências que devem ser superados. Entretanto, os êxitos são sempre maiores que os erros. Os aspectos positivos mais numerosos que os negativos. As deficiências e os erros serão sempre corrigidos.

O bom dirigente não é aquele que não comete erros, mas o que se comporta de modo sério em relação aos erros. Não há no mundo pessoas que nunca errem. V. I. Lênin disse: «Reconhecer abertamente os erros, revelar suas causas, analisar as circunstâncias de seu surgimento, discutir atentamente os meios para corrigi-los — esse é um índice da seriedade do partido, o cumprimento de suas obrigações, a educação e a instrução da classe e depois das massas.» (Obras, tomo 31, página 39.)

O Partido Comunista da União Soviética, preservando o legado de V. I. Lênin, examinou com rigor alguns erros graves cometidos por Stalin na direção da edificação socialista, e suas consequências. Em vista da seriedade dessas consequências, o Partido Comunista da União Soviética, simultaneamente com o reconhecimento dos grandes, enormes méritos de J. V. Stalin, considera necessário revelar com toda a essência dos erros por ele cometidos, chamando o Partido à vigilância, à correção resoluta das consequências negativas determinadas por esses erros.

O Partido Comunista da China acredita profundamente que, depois da aguda crítica realizada no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, todos os fatores ativos que se achavam seriamente entravados no passado devidos a certos erros políticos, colocar-se-ão em movimento; que o P.C.U.S. e o povo soviético estarão ainda mais unidos e coesos do que antes; que lutarão pela construção da grande sociedade comunista desconhecida na história da humanidade, por uma paz duradoura em todo o mundo.

Todas as forças reacionárias internacionais procuram ridicularizar o fato de que em nosso campo corrigimos nossos erros. Que indica isto? Indica que, diante das forças reacionárias, torna-se ainda mais poderoso o invencível campo da paz e do socialismo, encabeçado pela União Soviética, e que a causa defendida por aqueles senhores encontra-se em estado deplorável.

Fala Bulgânin Sobre a Viagem à Inglaterra

da E. — O jornal britânico "TIMES" solicitou a N. A. Bulgânin, Presidente do Conselho de Ministros da URSS, respostas sobre algumas questões relativas à sua viagem à Grã-Bretanha, em companhia de N. S. Kruschiov. Reproduzimos abaixo o texto integral da entrevista:

PERGUNTA — Qual o objetivo de vossa viagem à Grã-Bretanha?

RESPOSTA — N. Kruschiov e eu vamos à Grã-Bretanha a convite do governo britânico. Pretendemos, durante nossa permanência, discutir sobretudo questões de interesse dos dois países. Sem antecipar os resultados que esperamos de nossas entrevistas com o Governo britânico, pode-se dizer que os contactos pessoais entre os estadistas dos diversos países constituem um meio eficaz de estabelecer compreensão recíproca sobre as questões difíceis e litigiosas. Pode-se recordar, por exemplo, o papel benéfico que desempenharam os contactos pessoais dos estadistas para a solução da questão austríaca, o restabelecimento de relações amistosas entre a URSS e a Iugoslávia, e muitas outras questões. As conversações são o que de melhor nos oferece atualmente a experiência para solucionar essa ou aquela questão internacional.

PERGUNTA: Essa viagem poderá contribuir para o alívio internacional?

RESPOSTA: Assim o esperamos e, quanto a nós, tudo faremos para que nossa visita à Grã-Bretanha contribua para o alívio internacional. O governo e os povos da União Soviética partem do fato de que as grandes potências devem inspirar-se em suas relações nos interesses que lhes são comuns, e de que sua principal preocupação deve ser não permitir uma nova guerra e manter relações normais, boas relações, entre todos os países. Se encontrarmos, em resposta, a desejada

aspiração ao alívio, essa viagem dará sem nenhuma dúvida resultados positivos.

PERGUNTA: Ouve-se, no exterior, a opinião segundo a qual há uma contradição entre as declarações feitas quando da viagem à Índia, Birmânia e Afeganistão e as atuais declarações sobre a amizade para com a Grã-Bretanha. Teréis a amabilidade de dar uma opinião a esse respeito?

RESPOSTA: A União Soviética deseja continuar a melhorar suas relações com a Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos da América, assim como com todos os outros países, pois considera que as boas relações e a amizade entre os povos conduzem à manutenção e à consolidação da paz mundial. E os ingleses, os franceses, americanos e os povos de todos os outros países não estão menos interessados no reforço da paz que os soviéticos.

A política de amizade e de estabelecimento de maior compreensão com todos os países, entre os quais a Grã-Bretanha, é um princípio imutável da política exterior da União Soviética.

O povo soviético sempre respeitou o povo britânico e deseja sinceramente manter com ele relações amistosas. Somente em prejuízo da verdade têm-se podido afirmar que as declarações feitas quando da visita dos estadistas soviéticos à Índia, à Birmânia e ao Afeganistão eram dirigidas contra o estabelecimento de relações amistosas entre a URSS e a Grã-Bretanha.

PERGUNTA: Ouve-se também no exterior a opinião segundo a qual a finalidade da viagem à Grã-Bretanha é introduzir uma cunha entre esta e os Estados Unidos da América. Teréis a amabilidade de exprimir vossa opinião a esse respeito?

RESPOSTA: Quando a União Soviética deseja manter boas relações, relações de ami-

Questões a discutir em Londres: desenvolvimento do comércio, ampliação da cooperação, exame de problemas internacionais cuja solução contribuirá para o alívio da tensão e consolidação da paz

zade com um país, não deseja que esse renuncie a sua amizade com outros países, quaisquer que sejam eles. Nosso país também deseja viver em amizade com os amigos da Grã-Bretanha e não temos o menor desejo de privá-la de seus amigos.

O Governo soviético deseja manter relações amistosas com a Grã-Bretanha, assim como com a França, os Estados Unidos e os outros países. O Governo soviético, que dá grande importância ao estabelecimento dessas relações com todos os países, em benefício da consolidação da paz e da segurança, também executa, como é do conhecimento geral, todas as medidas para melhorar as relações soviético-americanas. Essa é a vontade dos povos soviético e norte-americano e não há obstáculo inamovível ao estabelecimento de relações de boa vizinhança entre a URSS e os Estados Unidos.

PERGUNTA: Quais são as possibilidades existentes de ampliar o comércio entre a Grã-Bretanha e a URSS e deve-se aguardar que essa viagem à Grã-Bretanha contribua para isso? A ampliação do comércio será vantajosa para os dois países?

RESPOSTA: O comércio entre os países é melhor que a hostilidade e, sobretudo, que o ódio. Um comércio ativo entre a URSS e a Grã-Bretanha seria importante estímulo à cooperação em todos os outros domínios.

Quanto à possibilidade de ampliar o comércio entre nossos países são muito favoráveis. O Governo soviético está pronto a ampliar consideravelmente o comércio anglo-soviético, na base da igualdade de direitos e da reciprocidade de vantagens, não só para as mercadorias regularmente exportadas atu-

almente como para mercadorias de outro tipo. Se os obstáculos diversos que nos são erguidos a esse comércio sob a forma de limitações de toda sorte — que constituem, aliás, um espantoso anacronismo — fossem afastados, seriam muito sensíveis as vantagens recíprocas. A ampliação do comércio contribuiria, indubitavelmente, para melhorar o bem-estar dos povos dos dois países, assim como para desanuviar o horizonte político.

PERGUNTA: O primeiro-ministro Eden assim definiu a finalidade de vossa visita: "Discutir as questões litigiosas, procurar uma linguagem comum". Achais que pode ser encontrada uma "linguagem comum"?

RESPOSTA: No que lhe diz respeito, o Governo soviético desejaria obter compreensão mútua e aproximação de opiniões e posições sobre assuntos que interessam às duas partes; ele desejaria criar uma atmosfera de confiança entre ambos os países e contribuir, desse modo, para a melhoria das relações entre a URSS e a Grã-Bretanha, o que favoreceria a consolidação da paz na Europa e nas demais partes do mundo. Há razões bastantes para que o encontro chegue a isso e dependerá somente da vontade das duas partes que seja encontrado o caminho de aproximação de suas posições e de concordância nas questões examinadas.

Chegar a entendimento significa superar certas dificuldades e nunca encaramos as dificuldades como obstáculo intransponível se as duas partes baseiam suas conversações nos princípios da coexistência pacífica dos Estados e levam em conta os interesses mútuos no domínio da garantia da paz e da segurança entre os povos.

PERGUNTA: Quais as principais questões que devem ser discutidas com os dirigentes britânicos?

RESPOSTA: As partes discutirão questões que os participantes do encontro desejaram suscitar. Pode-se apenas adiantar que as questões que possam prejudicar direta ou indiretamente tal ou qual país não participam das conversações entre estadistas soviéticos e britânicos não serão examinadas. Está previsto o exame, em primeiro lugar, das questões relativas ao desenvolvimento do comércio entre nossos países e a ampliação da cooperação entre eles, bem como o de certos problemas internacionais cuja solução contribuiria para uma nova atenuação da tensão internacional e para a consolidação da paz mundial.

ESTUDO E DISCUSSÃO DOS DOCUMENTOS

VIDA DOS PARTIDOS COMUNISTAS

DO XX CONGRESSO DO PCUS

Resolução do P. C. Italiano

A Direção do P. C. Italiano tornou pública uma resolução em que examina a marcha da discussão que se verifica em todas as organizações do Partido à base do informe apresentado por Palmiro Togliatti no Pleno do CC e das decisões do XX Congresso do PCUS. Assinala a resolução que a discussão transcorre vivamente e com um profundo espírito de Partido, o que permite conhecer os imensos êxitos alcançados pelo sistema socialista no mundo inteiro, compreender os novos aspectos da situação e extrair das decisões e dos debates do XX Congresso os ensinamentos que podem ser efetivos para o nosso Partido e para o movimento democrático de nosso país.

Adiante assinala a resolução: «Esta discussão serve de poderoso estímulo a nosso Partido para prosseguir a luta contra todas as formas de passividade, de burocratismo e de formalismo. Os amplos comentários suscitados pelo XX Congresso e suas resoluções em todos os meios políticos e em todos os setores sociais, permitem estabelecer já contactos mais intensos e amplos com os trabalhadores católicos, social-democratas e republicanos e com os intelectuais mais esclarecidos, em que pese os intentos de provocar a divisão que realizam a imprensa ligada aos grupos reacionários e os propagandistas profissionais do anticomunismo».

A resolução chama as organizações do Partido a imprimir maior amplitude à discussão sobre o XX Congresso, fazendo-a chegar às mais vastas massas populares, bem como a empenhar-se no sentido de alcançar a unidade com todas as forças que lutam pela paz, a democracia e o socialismo. Concluindo acrescenta: «Agora criou-se uma situação completamente nova, especialmente favorável para a consecução dessa unidade. O caminho da Itália para o socialismo transcorre através da aplicação da Constituição republicana, aprovada pelos representantes de todo o país. O objetivo desta Constituição é garantir as liberdades conquistadas, preservar nosso povo da possibilidade de um retorno da reação e criar as bases para profundas transformações sociais».

Reunião do Birô Político do Partido

Vietnamita dos Trabalhadores

O Birô Político do Partido Vietnamita dos Traba-

lhadores realizou uma reunião para ouvir os informes dos membros da delegação do Partido ao XX Congresso do PCUS, Tchyong Tin, secretário-geral do Partido, e Dyk Tho, membro do Birô Político. Foi aprovada uma resolução em que se destaca a importância do XX Congresso e convocado um Pleno ampliado do CC do Partido para examinar seus resultados.

Pleno do CC do Partido Comunista da Bulgária

O Pleno do C.C. do P.C. da Bulgária, celebrado de 2 a 6 de abril, em Sofia, ouviu um informe do primeiro secretário do C.C., Todor Zhivkov, sobre o XX Congresso do P.C.U.S. e as conclusões dele decorrentes para o P.C. da Bulgária. Depois de uma discussão aprofundada, foi adotada, por unanimidade, uma resolução na qual se indica que «o XX Congresso constitui nova e brilhante demonstração da força e da sabedoria do grande P.C.U.S.»

O Pleno assinalou que as decisões do XX Congresso devem servir de base para a atuação do C.C. do P.C. da Bulgária e de todas os órgãos e organizações do Partido, tendo em vista as condições concretas do país. O Pleno considerou ainda que os enormes êxitos alcançados na edificação do socialismo teriam sido muito maiores se o culto à personalidade e os nocivos métodos de trabalho a este ligados não tivessem alcançado considerável difusão no P.C. da Bulgária e em toda a vida social do país. O pleno destacou que o culto criado em torno à pessoa de Vylko Chervenkov substituiu em grande parte aos provados métodos de trabalho tradicionais do P.C. da Bulgária — a democracia interna e a direção coletiva — tendo como consequência direta a adoção de decisões unilaterais e repercutiu desfavoravelmente no trabalho organizativo, ideológico e econômico do Partido e do Estado.

O Pleno traçou uma série de medidas para acabar com o culto à personalidade e aplicar de modo consequente os princípios e normas leninistas da vida do Partido. O Birô Político foi encarregado de estudar e submeter ao C.C. as propostas concretas com vistas a melhorar o trabalho no espírito das conclusões decorrentes do XX Congresso. Também se decidiu ampliar de três para cinco o número de membros do Secretariado do C.C.

Resolução do Comitê Central do P.C.B. Sobre o PLANO LUIZ CARLOS PRESTES

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, tendo em conta os resultados positivos do PLANO LUIZ CARLOS PRESTES e a necessidade da construção planificada do Partido, decide:

1º) Que os ativos do controle final do PLANO LUIZ CARLOS PRESTES, encerrado a 29 de fevereiro, sejam realizados pelos Comitês Regionais, procedendo-se à entrega dos respectivos prêmios de emulação.

2º) Prorrogar a execução do PLANO LUIZ CARLOS PRESTES por mais 6 meses, a partir de 1º de março até 1º de setembro, com as seguintes modificações: a) incrementar o recrutamento de mulheres para o Partido; b) intensificar a estruturação e ativação dos membros do Partido.

3º) Para atingir os ob-

jetivos acima, o recrutamento de mulheres será equiparado em pontos com o recrutamento realizado nas empresas de mais de 5.000 operários e a estruturação e ativação do Partido contará pontos como se fossem novos recrutamentos. São elevados em 50% as cotas constantes do Plano, referentes ao recrutamento e à ativação dos membros do Partido. As cotas referentes ao Programa ficam reduzidas de 1/3.

O COMITÊ CENTRAL determina que todos os organismos do Partido replanifiquem seu trabalho, tendo em conta as experiências acumuladas com a construção do Partido e tomem as medidas necessárias para tornar vitorioso o PLANO LUIZ CARLOS PRESTES no novo período de sua aplicação.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, Rio, março de 1956

Guia do Correspondente Dos Centros Populosos

Qual é a Importância Dos Correspondentes?

UMA questão essencial para a VOZ OPERÁRIA é a da criação de uma rede de correspondentes políticos das regiões e centros populosos. Qual é a importância desse tipo de correspondentes?

VOZ OPERÁRIA é o órgão central da imprensa popular. É um jornal de caráter nacional, em geral difundido nas grandes cidades do país. Tem a missão de unificar nacionalmente a propaganda da vanguarda da classe operária, refletir nacionalmente a execução de sua política, de sua estratégia e tática. A generalização das experiências do movimento revolucionário, realizada pela VOZ OPERÁRIA, é indispensável para a direção das lutas democráticas em todo o país, é uma fonte inesgotável de ensinamentos para todos os comunistas.

Mas VOZ OPERÁRIA não é um órgão interno, destina-se também às massas, é um educador, agitador e organizador coletivo de massas. Precisamente por isso, deve refletir em suas páginas as lutas, os sofrimentos e aspirações do povo, suas reivindicações e protestos. Deve não só noticiar as lutas e movimentos populares, pequenos ou grandes, mas também mostrar o processo de formação e desenvolvimento dessas lutas e movimentos. Deve transmitir suas experiências positivas, assim como as iniciativas criadoras das massas, generalizando-as, tornando-as patrimônios do proletariado de todo o país. É exatamente para que VOZ OPERÁRIA cumpra esse papel, que são necessários os correspondentes políticos em todas as regiões e centros populosos. A publicação de suas correspondências ligará o jornal às massas, conquistará novos leitores, facilitará o aumento de sua difusão.

A indicação de correspondentes políticos nas regiões e cidades é, portanto, uma medida essencial, necessária e inadiável.

QUEM DEVE SER CORRESPONDENTE?

A ESCOLHA justa das pessoas para o cargo de correspondentes é quase tudo nessa questão. Enganam-se os que pensam que o correspondente só pode ser um jornalista ou intelectual. Estão errados também aqueles que indicam para correspondentes elementos que estão distantes da vida política ativa, que não participam realmente das lutas e movimentos, «que não dão para nada».

A primeira (e quase única) qualidade que se exige é que o correspondente tenha vivacidade e compreensão política, esteja realmente ligado aos movimentos populares, reivindicatórios, patrióticos e democráticos da região ou da cidade. Se assim for, o correspondente saberá selecionar as notícias, reportagens ou experiências que devem ser enviadas à VOZ OPERÁRIA, saberá ligar essas correspondências às atividades da região ou cidade e providenciará, inclusive, que os números da VOZ que publiquem matérias que interessam diretamente à este ou àquele setor da população local sejam levados a eles.

COMO FAZER UMA CORRESPONDÊNCIA?

Não é absolutamente necessário que as correspondências enviadas para a VOZ sejam obrigatoriamente bem redigidas, datilografadas, com títulos e subtítulos, prontas, enfim, para irem para a tipografia. Por isso dizemos que não é necessário que os correspondentes sejam jornalistas ou intelectuais. Se não há possibilidade de enviar uma correspondência perfeita e definitiva, basta enviar os dados principais, bem ou mal redigidos, datilografados ou não, a lapis ou tinta. Por exemplo, se numa determinada cidade trava-se uma luta de frente-única contra a carestia, basta transmitir-nos os seguintes dados: como teve início a luta (foi uma organização — sindicato, associação feminina, organização popular — ou uma comissão de cúpula?); quais assembleias e atos públicos se realizaram;

a luta era geral ou se concretizava na rebaixa dos preços de tal ou qual produto; quais foram as formas de luta utilizadas (abaixo-assinados, comícios, greves, passeatas?); quais as camadas da população que participaram da luta; quais as formas de propaganda da luta que se utilizaram; quais foram as experiências (positivas ou negativas) e iniciativas criadoras na direção da luta; e, naturalmente, qual foi o resultado da luta.

O TRABALHO DOS CORRESPONDENTES DEVE SER PERMANENTE

UMA questão importante no trabalho dos correspondentes políticos das regiões e centros populosos é a continuidade. Muitas vezes chegam-nos correspondências relatando o início de uma luta, mas o correspondente esquece-se de escrever depois se a luta foi vitoriosa ou não, quais as experiências obtidas, o desenvolvimento enfim, da luta. Está claro que esta é uma maneira errada de trabalhar. O ideal — plenamente realizável, aliás — é que os correspondentes de cada região ou grande cidade escrevam permanentemente para a VOZ, semanalmente, pois nosso jornal é semanário.

O ascenso democrático ora em curso no país, e trabalho para a formação da frente democrática de libertação nacional, são processos que se desenvolvem permanentemente e em todo o país. Para que VOZ OPERÁRIA seja um espelho desse processo, é necessário que o trabalho dos correspondentes — em todas as regiões e nas principais cidades do país — seja permanente, tenha continuidade.

Quais os Assuntos Para Correspondências?

EVIDENTEMENTE não há uma limitação para os assuntos que devem ser tratados nas correspondências. Uma fonte permanente de correspondências devem ser as organizações de massas, suas atividades e realizações, suas reações às lutas políticas gerais, assuntos estes que estão sempre na ordem-do-dia. Essas lutas políticas permanentes são as seguintes:

* **LIBERDADES DEMOCRÁTICAS** — A luta pela anistia, em todas as suas formas. A luta em defesa da Constituição, contra os atentados às liberdades individuais, à liberdade de imprensa e sindical, etc.

* **INDEPENDÊNCIA NACIONAL** — A luta em defesa do petróleo e demais riquezas naturais do país. Denúncias concretas da penetração dos trustes norte-americanos na economia nacional. A atividade da Liga da Emancipação Nacional. A campanha pelo reatamento de relações com os países socialistas.

* **PAZ** — Noticiários e experiências do trabalho das organizações de partidários da paz. A luta pelo desarmamento.

* **CARESTIA** — Como se realiza a luta contra a carestia, pelo congelamento dos preços, por aumento de salários.



O Que é Uma Correspondência Política?

O que caracteriza uma correspondência política não é apenas o assunto, mas a maneira por que o assunto é abordado. Um noticiário seco dos fatos, ou um comentário pessoal do correspondente, ou uma repetição de velhos clichês, — nada disso é correspondência política. Uma correspondência política é aquela que põe em destaque toda e qualquer iniciativa para a unidade, para a frente-única, que é a questão essencial e decisiva para a conquista de novos êxitos, para a revolução democrática de libertação nacional. É, enfim, aquela que tem presente nossa linha política.

Atualmente, trava-se a grande batalha nacional pela anistia ampla, que só pode ser vitoriosa se se tornar realmente uma luta de massas, uma exigência de todo o povo brasileiro. Com essa compreensão, o correspondente da VOZ procurará não só

noticiar os fatos, mas principalmente refletir o processo e o desenvolvimento da campanha, a maneira concreta por que se forja a unidade das massas e das diferentes forças e grupos políticos na luta pela anistia. Concretamente, o correspondente dirá que organizações ou personalidades lançaram a campanha, que partidos,

grupos políticos, organizações sindicais, camponesas, femininas, juvenis ou patrióticas apoiaram a campanha e como dela participam, que realizações foram efetuadas, quais as experiências e iniciativas foram obtidas, como participa da campanha a população dos bairros, das empresas e concentrações camponesas.

Voz dos Leitores

Patrões Americanos Mandaram Espancar Operários Brasileiros

«Grave» fato ocorreu no portão do frigorífico Armour, nesta cidade, quando foi violentamente agredido o operário Alvaro Andrade, por ordem dos patrões norte-americanos daquele truste. As 17 horas, depois de transpor o portão do frigorífico, o operário citado foi interceptado pelos capatazes Paulo Leher e Osvaldo Te-

tardini e pelo guarda Gumerindo Alves, que se apoderaram da sua pasta e passaram a espancá-lo selvagemmente em plena via pública. Nesse momento interveio o guarda-noturno do frigorífico, Elogio Armúia, que impediu que os agressores continuassem o espancamento, ao mesmo tempo que procurava dissuadir os trabalhado-

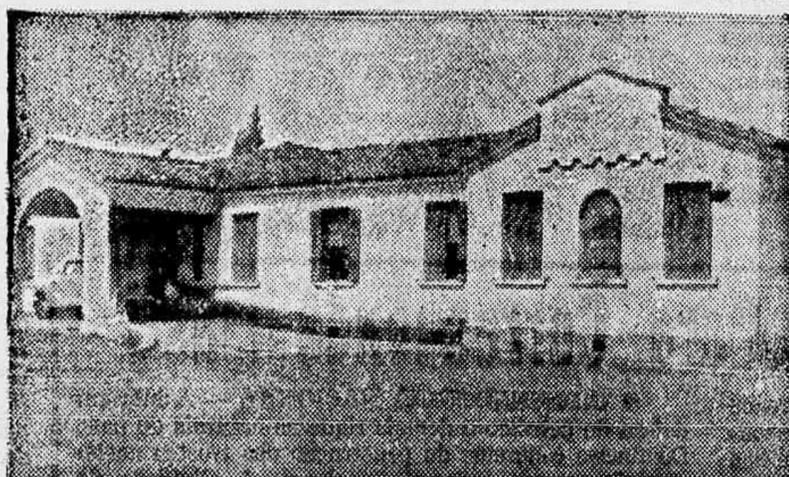
res e populares que queriam castigá-los. A polícia compareceu ao local da agressão e, ao invés de prender os espancadores, deteve o operário Andrade e o guarda-noturno Armúia, fato que revoltou os trabalhadores do frigorífico e o povo de Livramento. O pretexto dos agressores era de que o operário levava um pedaço de carne em sua pasta, o que absolutamente não justificava o espancamento.

Os patrões lanques do frigorífico Armour solidarizaram-se com os espancadores, demitindo o operário e suspendendo por tempo indeterminado o guarda noturno Armúia, cuja atitude fôra imparcial. Isso demonstra que as violências são cometidas contra trabalhadores brasileiros por ordem do truste norte-americano, que desrespeita as leis, ordena à polícia que prendea os agredidos e ainda os demite. O sindicato dos trabalhadores já constituiu advogado para defender os dois trabalhadores, indo ao encontro dos desejos dos operários do frigorífico, que reivindicam a instauração de um inquérito, a liberdade para Alvaro Andrade, a expulsão e a punição dos espancadores e a imediata reintegração no trabalho de Armúia e Andrade.

(Do correspondente da VOZ em Livramento, R. G. do Sul).

FECHADA A «CASA DAS CRIANÇAS» EM TUPÁ

ITABUNA (Do Correspondente) — Trabalhadores de Buerarema, nesta cidade, estão queixosos do médico do Posto de Saúde Pública daquela localidade, que além de só atender crianças no expediente da tarde das quinta-feiras, ainda restringe o número para uma média de cinco crianças para serem atendidas. Há dias, um trabalhador recebeu a porta na cara porque insistiu em que fosse atendido seu filho, cujo estado de saúde era grave.



Do correspondente da VOZ em Tupá (São Paulo), recebemos: Junto a esta segue uma fotografia da Casa das Crianças de Tupá, construída e mantida com o dinheiro do povo desta cidade. Esta instituição, apesar das deficiências, vinha beneficiando a população mais pobre da cidade e do campo. Agora, entretanto, a casa foi fechada, o que é uma medida injusta, contrária aos interesses populares e que prejudicará dezenas de crianças e mulheres. É necessário aos poderes competentes tomarem providências imediatas. Impõe-se que o sr. Prefeito e a Câmara Municipal solucionem o problema.

Explorados os Lavradores em Alto Paraná

Do Correspondente da VOZ em Alto Paraná, José Lopes de Oliveira, recebemos:

«Se fosse contar tudo que se passa neste município, um jornal inteiro seria pouco. Só na comarca de Nova Esperança foram feitos 32 despejos em 1955, a começar por mim, que fui posto na rua com mais 16 famílias, num total de 102 pessoas. Já tive até uma audiência com o então presidente Café Filho, mas nada foi resolvido até agora, estando a questão no tribunal de Curitiba.

A fazenda de onde fomos despejados pertence ao sr. José Garcia, tem um milhão de pés de café e nenhuma plantação de cereal, o que obriga os colonos e assalariados a gastar suas rendas em alimentação, prejudicados pela geada, os camponeses têm que comprar feijão a Cr\$ 17,00 o quilo. Quando se fala em leis trabalhistas, os patrões ameaçam com cadeia. Não há horário



de trabalho — trabalha-se o dia todo. Os cereais, quando estão nas mãos do trabalhador, não têm preço, só têm valor quando caem nas mãos dos tubarões. O mesmo acontece com as sementes: quando é tempo de plantar, o preço é in... (semente de algodão custou de Cr\$ 140,00 a Cr\$ 200,00 por saco, na época do plantio), quando o certo é que fosse distribuída gratuitamente aos lavradores pobres.»

TRABALHO ACELERADO COM BAIXOS SALÁRIOS

Um leitor de Corumbá (Mato Grosso) enviou-nos uma carta cujo trecho principal resumimos abaixo:

«A Siderurgia de Corumbá continua pagando aos seus operários salários irrisórios de Cr\$ 5,50 e Cr\$ 7,20 por hora. Os proprietários da fábrica, como sabem que os operários estão exigindo aumento de salário, não aparecem lá, deixando na direção dois engenheiros que nada resolvem. A empresa preocupa-se muito com o aumento da produtividade do trabalho e procura obrigar os operários a trabalhar em ritmo acelerado, mas paga baixos salários, força os empregados a trabalhar mesmo doentes (como aconteceu com Evangelista Mechinho) e a pensão fornece uma comida ruim, sem gordura e sem higiene.»



TRABALHADORES DE CAFÉ

O município de São João do Caiuá é zona cafeeira. Os trabalhadores do campo tem seus contratos para formação de café por 4 anos, vivem abandonados e na miséria. Uma das reivindica-

ções principais aqui é a conquista de fornecimento com os patrões, mas a maioria não conseguem nada. Outros lutam para conseguir a prorrogação dos contratos, em vista dos prejuízos causados pela geada do ano passado.» (Do leitor A. João Florentino, de S. João do Caiuá).

INJUSTA RESTRIÇÃO PARA AS CRIANÇAS

ITABUNA (Do Correspondente) — Trabalhadores de Buerarema, nesta cidade, estão queixosos do médico do Posto de Saúde Pública daquela localidade, que além de só atender crianças no expediente da tarde das quinta-feiras, ainda restringe o número para uma média de cinco crianças para serem atendidas. Há dias, um trabalhador recebeu a porta na cara porque insistiu em que fosse atendido seu filho, cujo estado de saúde era grave.



POSTA RESTANTE

DORANDIA (E. do Rio) — Carta de Nelson Duarte Coelho, com saudações para Luiz Carlos Prestes.

ARACAJU (Sergipe) — Mudança de endereço do correspondente. Grato.

PASSA QUATRO (M. Gerais) — Acróstico sobre o golpista e lacão lanque Lacerda. Agradecemos.

SANTA FE DO SUL — Carta de um leitor sobre violências praticadas por um cabo da polícia.

CABRALIA PAULISTA (S. P.) — Duas cartas do leitor José Manoel Pires, com considerações sobre a luta dos ferroviários e metalúrgicos de Rio Claro e Volta Redonda.

Trabalharam 10 Horas Sem Almoço

«É difícil a situação em que se encontram os trabalhadores dos Serviços Industriais Norte Fluminense companhia pertencente ao Estado e cujos empregados são considerados funcionários estaduais. Entretanto, seus salários são irrisórios, a maioria ganha apenas Cr\$ 2.100,00 mensais. Não recebem salário-família, ganham apenas 3/4 do salário quando adoecem e os uniformes que têm direito por regulamento não são pagos pela companhia. Além de serem péssimas as condições de trabalho, ainda são perseguidos por chefes e chefetes. Na quinta-feira da semana-santa, os funcionários da turma da conserva da via permanente, que trabalhavam num trecho da linha do bonde Turfe, receberam ordem de trabalhar das 7 às 12 horas, mas o engenheiro Ariosto Lane determinou que o serviço continuasse até às 17 horas. Os funcionários tiveram, assim, que trabalhar sem almoço durante 10 horas.

(Trecho principal da carta do correspondente de Campos, E. do Rio).

GREVE E PASSEATA DOS ESTUDANTES BAIANOS

SALVADOR, Bahia (Do correspondente) — Os estudantes secundários desta Capital realizaram uma greve, seguida de passeata e comício, contra as restrições impostas pelo prefeito Hélio Machado à concessão dos «passes» escolares (passagens de bondes compradas em bloco, mais baratas). O movimento teve início no Instituto Normal (4.000 alunos), recebendo rapidamente a adesão de mais 4.000 estudantes dos colégios Duque de Caxias, Escola Técnica, Car-

neiro Ribeiro, Severino Vieira, Instituto Baiano de Ensino, Instituto Valença e Colégio Central da Bahia.

PASSEATA E COMICIO

Depois de uma grande concentração, os estudantes organizaram uma passeata, carregando faixas e cartazes de críticas à medida do prefeito. Quando a passeata chegou à Praça Municipal, realizou-se um grande comício, tendo discursado o presidente da ABES, Manoel São Mateus, os estudantes Newton

Macedo Campos, Altamirano Luz, Paulo Castro (secretário-geral da ABES), Jeová de Carvalho (secretário-geral da UNES), o vereador Antonio Casais e o acadêmico Edgard Lopes, apoiando o movimento em nome dos estudantes de medicina.

Os estudantes secundários estão dispostos a prosseguir com entusiasmo na luta contra as restrições, pois consideram um absurdo que a prefeitura queira negar os «passes» depois de ter encampado a CLC, quando aquela companhia nunca os negou.

SALÁRIO DE 36 CRUZEIROS EM CAPÃO BONITO

A CIDADE de Capão Bonito tem mais de 50 mil habitantes, dos quais cerca de 20 mil são analfabetos. No campo reina a maior miséria. O lavrador que não tem um pedacinho de terra e que vive de salário passa as maiores privações.

A maior fazenda daqui é a «Comercial de Fósforos S. A.», que possui 1/3 das terras do município. Ela paga aos trabalhadores o salário-mínimo, mas desconta Cr\$ 594,00 de aluguel de casa, palhoça que protege tanto como uma árvore. Depois dos descontos, o salário real é de Cr\$ 36,00 por dia e se alguém reclama que não dá para comer, a resposta é sempre a mesma: «quem não quiser pode ir embora». Como é difícil conseguir outro emprego, o infeliz continua trabalhando.»

(De Francisco Rodrigues, correspondente da VOZ em Capão Bonito, São Paulo.)

Falta de Transporte Prejudica Lavradores

RONDONÓPOLIS, Mato Grosso — (Do Correspondente) — Os lavradores desta cidade, residentes nas colônias de Naboreiro e Mata Grande, acham-se prejudicados com a falta de estradas. A situação é tão grave que eles são obrigados a dar os cereais a meia, para o transporte dos mesmos. Em vista disso, os lavradores resolveram entregar à Câmara Municipal, no dia 15 de março, um abaixo-assinado reclamando providências. Depois de aguardar a chegada do prefeito (que estava numa caçada), os vereadores foram visitar o local em questão, mas até o momento nada fizeram para atender o pedido dos lavradores. Diante de fatos como, este, os lavradores comentam que a saída é seguir o exemplo dos camponeses de São Pedro da Cipa, que, em número de 70, consertaram a estrada e depois quebraram o Posto Fiscal que arbitrariamente queria cobrar 6% de impostos sobre os cereais.

VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável
Aydano do Couto Ferraz

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

SUCURSAIS:

SÃO PAULO — Rua dos Estudantes n° 84 s/ 29, 2º and. — Tel. 37-4983.

PORTO ALEGRE — Rua dos Andradas, 1.646 s/ 74, 7º and.

RECIFE — Rua Floriano Peixoto n° 85 — 3º — sala 326.

FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco n° 1.248 s/ 22, Tel. 1-13-03

SALVADOR — Rua Barão de Cotegipe, 67 — Edifício Zacarias — s/ 203 (Calçada).

JOÃO PESSOA — Rua Duque de Caxias, 558, 1º and., salas 3/4, Enderço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPÉRIA

ASSINATURAS:

Atual Cr\$ 100,00
Semestral . . . Cr\$ 50,00
Trimestral . . . Cr\$ 25,00
Núm. avulso. Cr\$ 1,50
Núm. atrasado Cr\$ 2,00

Este semanário é reimpresso em SÃO PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE e FORTALEZA.

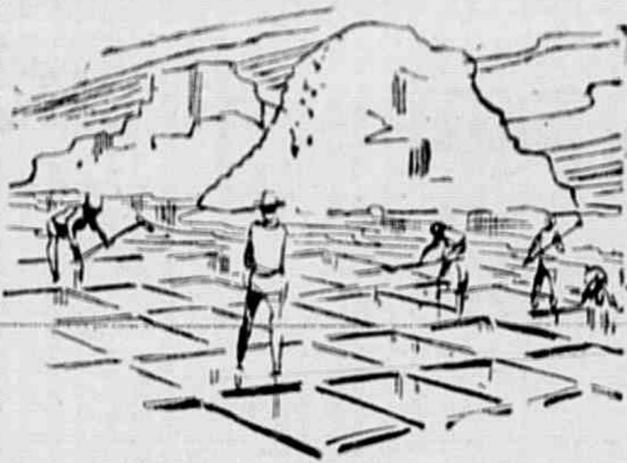
Desempregados Reclamam a Reabertura Das Fábricas

TRES mil fumageiros desempregados do Vale do Paraguassu enviaram um memorial ao presidente da República, expondo a situação de extrema miséria em que se encontram e reclamando medidas imediatas para aliviá-la.

O memorial foi enviado por intermédio de uma comissão formada pelo presidente do Sindicato dos Fumageiros de Cachoeira e S. Felix e mais três operários, que se avistaram com o sr. Juscelino Kubitschek.

No memorial os trabalhadores desempregados apontam as principais consequências do fechamento das fábricas para eles próprios, para a lavoura do fumo, para o comércio das cidades atingidas e para a arrecadação fiscal nas mesmas, reclamando as seguintes medidas: 1) — que sejam ultimados os estudos para imediata reabertura das fábricas de charutos Dannemann e Costa Pena; 2) — que sejam assegurados os direitos dos trabalhadores no IAPI, sem prejuízo do tempo em que não foram pagas as contribuições em consequência do fechamento das fábricas.

(Do correspondente da VOZ em Salvador)



Primeiro de Maio: Confraternização dos Trabalhadores e de Suas Organizações

PELA primeira vez, em muitos anos, as comemorações de 1º de Maio próximo reunirão, numa grande festa de unidade e confraternização, os trabalhadores brasileiros e todas as suas organizações, desde os Sindicatos até as Federações e Confederações. Esse fato auspicioso é o resultado do esforço dos operários e de seus líderes para converter em realidade os anseios unitários das grandes massas trabalhadoras, que estreitam suas fileiras e buscam o caminho da ação comum pela solução de seus problemas, afastando todos os obstáculos que se antepõem à unidade.

Em reunião realizada na sede da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, no Rio, e contando com o apoio do Minis-

tério do Trabalho, os dirigentes da C.N.T.I., das Federações e dos Sindicatos organizaram um programa comum de comemorações. Do programa consta uma solenidade, à noite, de encerramento da Conferência Nacional dos Metalúrgicos e comemorativa do 15º aniversário da Justiça do Trabalho e uma concentração no Maracanã, na qual falarão um representante dos operários, o presidente e o vice-presidente da República.

Em todos os Estados os trabalhadores e suas organizações — de todos os escalões — preparam, igualmente, a festa de 1º de Maio que, no país inteiro, se realizará sob o signo da unidade da classe operária e do movimento sindical.

Nas salinas de Macau

VENCERAM A GREVE GRAÇAS À UNIDADE DE SUAS FILEIRAS

OS TRABALHADORES das salinas de Macau (R. G. do Norte) realizaram uma greve, por aumento de salários, tendo conquistado a vitória. Em Macau, que é o primeiro centro produtor de sal do norte do país, trabalham, em época de safra, cerca de 3 mil operários, mediante contrato coletivo ela-

borado conjuntamente pelo Sindicato e os proprietários das salinas. No dia 28 de dezembro último expirou o contrato de 1953, tendo o Sindicato, em assembléa, decidido prorrogá-lo por 60 dias, até 28 de fevereiro. Pouco antes da prorrogação expirar-se o Sindicato, em assembléa, elegeu uma comissão de 12 membros para fazer novo contrato. Começou, assim, a luta dos operários por aumento de salário.

Cumprindo a sua missão, a comissão comunicou aos patrões que os trabalhadores exigiam, no novo contrato, um aumento de 60 a 80% nos salários. Os proprietários das salinas, porém, recusaram imediatamente qualquer proposta de aumento. Um dos membros da comissão, porém, respondeu-lhe apresentando um demonstrativo da elevação dos preços dos gêneros, de 1953 àquela data. O representante patronal foi

obrigado a dar razão ao trabalhador, e apresentou uma contra-proposta de «consultar a matriz, no Rio, pois nada poderia decidir». Os trabalhadores esperaram 12 dias por uma resposta da matriz. Esta não se manifestou, e então foi declarada a greve.

A greve teve um caráter unitário e organizado. O Sindicato, tendo à frente seu presidente, ficou em assembléa permanente. Foram expedidas comunicações às autoridades e às organizações operárias irmãs. Estas manifestaram imediata solidariedade aos grevistas.

Os trabalhadores conquistaram um aumento de 15%, após cinco dias de greve. O movimento caracterizou-se pela unidade e a combatividade, tendo sido derrotadas as tentativas, financiadas pelos patrões, de furar a greve, e as violências patronais. Animados pela vitória, os trabalhadores lançam-se à luta pela elevação do salário-mínimo.

Também os carpinteiros navais de Macau entraram em greve por aumento de salário, tendo conseguido aumentar a diária de Cr\$ 97,00 para 128,00.

(Do correspondente da VOZ em Macau)

Na Construção Civil de João Pessoa

INTERVENÇÃO NO SINDICATO DOS ESTIVADORES DE RECIFE

DESPERTOU a mais intensa revolta, não só entre os trabalhadores da faixa do cais, como entre todos os trabalhadores da capital pernambucana, a intervenção ilegal no Sindicato dos Estivadores de Recife, decretada pela Capitania dos Portos, a pretexto de apurar pretensas irregularidades da atual diretoria do Sindicato. Para a intervenção ilegal, o capitão dos Portos nomeou uma «Comissão de Perícia», com a missão de investigar um suposto desfalque da diretoria.

A medida foi tramada por conhecidos inimigos dos estivadores, principalmente pelos indivíduos José Nunes Nascimento, Cicero Pereira Malta e Antônio Marinho Falcão que, anteriormente, haviam sido expulsos dos quadros do Sindicato. Esses indivíduos querem, de qualquer maneira, tomar a direção do Sindicato e, com esse objetivo, urdiram a intriga que levou à medida ilegal da Capitania dos Portos.

O major Francisco Acioli, nomeado pelo capitão dos Portos para intervir no Sindicato, vem pondo em prática uma política contrária aos interesses dos estivadores, prejudicando-os até mesmo na chamada para o serviço.

A diretoria do Sindicato, com o apoio de todos os trabalhadores, vem lutando para anular a medida que viola brutalmente a liberdade sindical.

(Do correspondente da VOZ em Recife)

TRABALHAM NA MINA ALAGADA

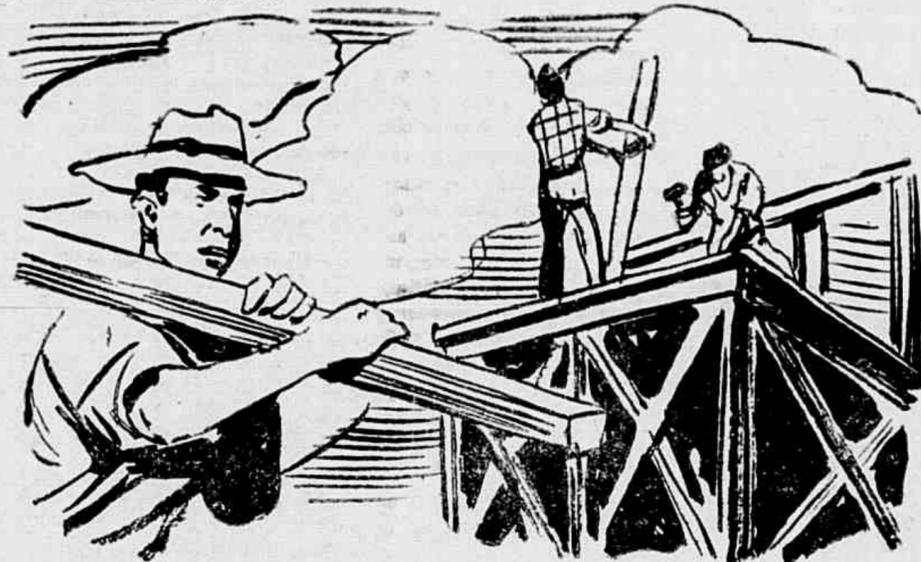
NO POÇO R-1 das minas de Butiá os mineiros estão obrigados a trabalhar em condições duríssimas. O poço só tem uma boca, pelo que a ventilação é pouquíssima. Os operários empurram carros sobre trilhos tortos e estragados, o que lhes custa um esforço físico enorme. Tudo isso é agravado pelas condições do poço, que é molhado e úmido. Há, no centro, um depósito de água e uma bomba, mas esta geralmente funciona mal e derrama a água no chão da mina, alagando tudo. Há operários que gastam 4 pares de alpargatas por mês, em consequência disso.

Além de tudo isso o CADEM não respeita a jornada de 6 horas para os que trabalham no sub-solo, garantida pela Consolidação das Leis Trabalhistas, (artigo 293).

Outra questão que vem agitando os mineiros é a deficiência da assistência médica. Recentemente um médico do IAPETEC mandou descer ao trabalho um operário gravemente enfermo, que não suportou uma hora no fundo da mina. O operário de chapinha nº 2.210, no dia 29 de março último, sentiu-se mal no trabalho e, ao comunicar ao capataz que ia deixar a mina, foi suspenso por 10 dias.

Os mineiros de Butiá vêm, com mais clareza, que precisam lutar, unidos em torno do seu sindicato para conquistar melhores condições de trabalho e de vida.

(De Mauro Taquarense, correspondente da VOZ nas minas de Butiá.)



2 Mil Operários Reclamam Respeito Aos Seus Direitos

SOMAM aproximadamente dois mil os trabalhadores da construção civil de João Pessoa (Paraíba). Estes operários atravessam, atualmente, uma situação de fome, ganhando salários baixíssimos e submetidos a dura exploração. Os trabalhadores lutam, no momento, pela elevação do salário-mínimo e outras reivindicações constantes do convênio que está sendo discutido entre o Sindicato e os patrões.

BURLADOS OS DIREITOS DOS OPERÁRIOS

Os direitos dos operários, garantidos por lei, não são respeitados. Os patrões, em geral, não pagam o repouso semanal, utilizando, para justificar a burla, expedientes como o de provocar a falta de material nas obras, a fim de que os trabalhadores sejam obrigados a perder dia de trabalho. Também as férias não são pagas pois os patrões não deixam que o operário complete um ano de serviço, despedindo-o antes desse prazo, com apenas dois dias de aviso prévio. Algumas empresas, como O. Fontes, Carmelo Ruff e outras, fazem imprimir a impressão digital do operário em um papel em branco e depois escrevem no papel o que bem querem. Muitas vezes por esse meio o operário renuncia, sem saber, a todos seus direitos, podendo o patrão explorá-lo como entender. Além disso, os patrões costumam fazer contratos absurdos, que ferem os direitos operários.

IRREGULARIDADES NO PAGAMENTO

Um outro método de exploração comum nas obras da construção civil, em J. Pessoa, consiste no atraso dos pagamentos e nos descontos ilegais. As vezes ocorre que, no fim da semana, os patrões não pagam os salários e os trabalhadores são obrigados a passar fome completa. Na

empresa construtora «Alagóas», por exemplo, isso aconteceu na semana do Carnaval. Nessa mesma empresa depois de fazer violentas ameaças aos operários, o patrão descontou Cr\$ 8,00 de cada um porque apareceu uma telha quebrada. Os trabalhadores da construção civil reivindicam um dia certo de pagamento dos salários, na semana.

INSEGURANÇA DO TRABALHO

Os trabalhadores não têm segurança no trabalho. É comum quebrarem-se andaimes, o que traz consequências muitas vezes funestas para os operários. Estes, quando são acidentados, ficam sem assistência, pois os serviços do Instituto não o atendem com eficiência e presteza. Muitas vezes o acidentado espera um mês pelos resultados dos exames médicos, como está ocorrendo com o operário Cicero Felix. Os serviços de assistência não dispõem do material suficiente.

AS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES

Atualmente está sendo discutido um convênio pelo qual são garantidos aos trabalhadores na construção civil de João Pessoa importantes direitos, entre os quais os seguintes: 30% sobre os salários dos operários especializados, preferência de emprego para os operários sindicalizados, pagamento dos salários às sexta-feiras, pagamento das horas extras com aumento, etc.

O Sindicato vem tomando a frente das lutas dos operários. O Sindicato, fundado em 1935, esteve por dez anos sob intervenção ministerialista e por muito tempo nada fez. Agora, tendo à sua frente uma diretoria honesta, conta com o apoio da classe, que está disposta a unificar suas fileiras, compreendendo que a unidade é a primeira condição da vitória das lutas dos trabalhadores.

(De L. Silva, correspondente da VOZ em João Pessoa).

CONQUISTAR O SALÁRIO MÍNIMO

ASPIRAÇÃO MÁXIMA DOS ASSALARIADOS AGRÍCOLAS

te município fluminense, é propriedade do sr. Maciel Filho. Há em volta da usina 9 fazendas onde trabalham aproximadamente 1.500 assalariados agrícolas. Dêstes, apenas 350 têm carteira do Ministério do Trabalho e ganham salário-mínimo. Todos os demais ganham por empreitada, em média de 20 a 30 cruzeiros por dia. Essa manobra é posta em prática por todos os demais usineiros de Campos. Visando quebrar a unidade dos assalariados agrícolas,

DENTRE a correspondência chegada à nossa redação, destaca-se por seu volume a que é remetida por assalariados agrícolas, reclamando a imediata aplicação do salário-mínimo sem quaisquer restrições. A seguir transcrevemos algumas dessas cartas.

DO CORRESPONDENTE DA VOZ EM CAMPOS — A Usina Outeiro, neste município fluminense, é propriedade do sr. Maciel Filho. Há em volta da usina 9 fazendas onde trabalham aproximadamente 1.500 assalariados agrícolas. Dêstes, apenas 350 têm carteira do Ministério do Trabalho e ganham salário-mínimo. Todos os demais ganham por empreitada, em média de 20 a 30 cruzeiros por dia. Essa manobra é posta em prática por todos os demais usineiros de Campos. Visando quebrar a unidade dos assalariados agrícolas,

pagam a um pequeno número o salário-mínimo. Os demais continuam na mesma situação anterior.

Mas os assalariados agrícolas podem unir suas forças para derrotar os usineiros. Para isto, ao invés de lutar por muitas reivindicações ao mesmo tempo, devemos concentrar todas as nossas forças em torno de uma reivindicação principal, daquela que possa unir a todos. E que reivindicação é esta senão a do salário-mínimo? Os operários das cidades lutam hoje pela elevação dos níveis atuais do salário-mínimo. Essa campanha interessa aos assalariados agrícolas que já estão recebendo segundo essa lei. Mas interessa também aos que não estão recebendo desde que o momento é o mais oportuno para conseguir que o pagamento seja estendido a todos. Se a campanha em Campos toma a forma de luta pelo pagamento, segundo a lei do salário-mínimo, a todos os assalariados agrícolas e pela elevação dos seus níveis atuais, unificará a todos os trabalhadores do campo e da cidade.

Tudo isto mostra que os assalariados agrícolas de Campos têm o maior interesse em particular da campanha do salário-mínimo, que é um movimento de todo o proletariado, rural e urbano. Vamos agora discutir e debater o seguinte: como nós assalariados agrícolas de Campos vamos participar da campanha do salário-mínimo?

A Campanha do Salário-Mínimo e os Assalariados Agrícolas

O direito dos assalariados agrícolas ao salário-mínimo não pode ser contestado. O artigo 76 da Consolidação das Leis de Trabalho diz o seguinte: «Salário-mínimo é a contraprestação mínima devida e paga diretamente pelo empregador a todo trabalhador, inclusive ao trabalhador rural, sem distinção de sexo, por dia normal de serviço, e capaz de satisfazer, em determinada época e região do país, as suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene, e transporte.» A lei portanto é clara. Inclusive a questão dos colonos de café já foi resolvida pelo Tribunal Superior do Trabalho. Esse órgão judiciário tem jurisprudência firmada segundo a qual os colonos de café fazem jus a todos os direitos da legislação trabalhista extensiva aos trabalhadores rurais, desde que são assalariados e não trabalhadores autônomos como querem fazer crer alguns fazendeiros.

Entretanto a conquista da aplicação desta lei só pode resultar da ação unida dos próprios assalariados agrícolas. E é fora de dúvida que, nesse sentido, os seus Sindicatos têm feito muito. Mas nessa luta dos Sindicatos Rurais pela aplicação do salário-mínimo há um aspecto que tem sido desprezado. Trata-se de que as organizações dos assalariados agrícolas não têm informado com os necessários detalhes, aos Sindicatos operários, da situação real em que se encontra a aplicação da lei do salário-mínimo no campo.

Se visitarmos os principais Sindicatos operários de S. Paulo ou do Distrito Federal veremos que estes não contam com os dados necessários para defender em todas as oportunidades esse direito incontestável dos assalariados agrícolas ao salário-mínimo. Uma das formas, portanto, da participação dos Sindicatos de Assalariados Agrícolas na campanha do salário-mínimo é a elaboração e entrega, aos Sindicatos Operários, de relatórios detalhados sobre o não cumprimento dessas leis pelos usineiros e fazendeiros. Assim, os assalariados agrícolas estarão estreitando seus laços com o proletariado das cidades, o principal ponto de apoio com que contam para a conquista do salário-mínimo.

NO NORTE DO PARANÁ

* Do correspondente da VOZ em Sta. Cecília do Pavão (Paraná) — Como os fazendeiros não pagam o salário-mínimo e ganha-se uma miséria pelo trato do café, muitos colonos depositam todas as esperanças na sua plantação de cereais. Mas, que acontece? Na chamada Fazenda do sr. Rui Fumagalli, aqui em Sta. Cecília do Pavão, o fiscal manda embora os trabalhadores no momento em que o colono espera colher o seu produto para cozer esse apurado, talvez comprar umas chitas para a sua família. Todas as famílias vivem sem roupa, pois o ganho mal dá para comer. Esse fato aconteceu com o colono chamado Antoninho Carroceiro e com muitos outros. Este colono pegou 2.500 cafedros. Na rua do cafezal plantou milho e feijão. Ficou doente, mas assim mesmo ia para o serviço. Só quando piorava muito é que deixava um pouco até melhorar. Mas como o fiscal vivia perseguindo esse colono, mandou-o embora, dando-lhe um prejuízo de nada menos de 10 mil cruzeiros. Isto aconteceu também com muitos outros colonos: depois de muito trabalhar, ter que sair da fazenda com a roupinha do corpo.

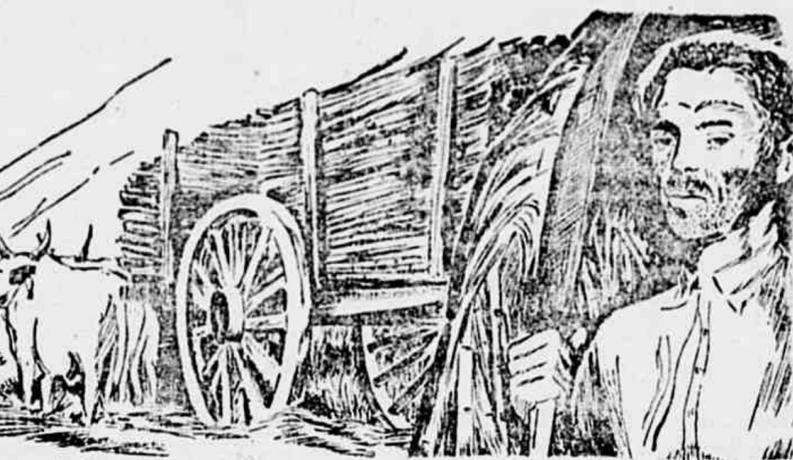
Isto mostra que os colo-

nos tem que lutar para que o patrão pague o salário-mínimo e não ficar só esperando pelo resultado da sua plantação.

* Do correspondente da VOZ em Londrina (Paraná) — Na fazenda dos três irmãos Guilherme, Antonio e Paulo Pellron, os colonos ganham 2 mil cruzeiros por mil pés de café. Ao empregado mensalista pagam 900 cruzeiros por mês. O dia de serviço do colono é pago a 20 cruzeiros. Todos são obrigados a trabalhar de sol a sol.

A fazenda não faz adiantamento algum. O patrão não deixa o colono queimar madeira fina, só se pode queimar madeira pôdre. Os colonos são obrigados a conservar a lavoura sempre limpa. A falta de direitos é tão grande que, no ano passado, no dia em que morreu o filho de um colono e todos os trabalhadores passaram a noite guardando o anjinho, o fazendeiro teve a coragem de mandar tocar o sino e todos os colonos foram obrigados a ir para o serviço. Os pais do colono, pessoas de muita idade, é que fizeram o enterro.

Na colheita, Antonio Pellron e o feitor dedicam-se a perseguir os colonos, suas esposas e filhos. Quando o colono reclama seus direitos



manda buscar a polícia. No fim do ano de 1954 foram despedidas todas as 14 famílias que moravam na fazenda.

Tudo isto mostra a necessidade de reforçarmos os nossos Sindicatos para lutar pelo salário-mínimo. Não só porque vamos ganhar mais. Mas também porque o reconhecimento desse direito pelos fazendeiros vai obrigá-los a tratar os colonos de café como verdadeiros assalariados que têm pelas leis do país outros direitos, como o de receber uma carteira do Ministério do Trabalho, ganhar as férias e receberem indenização quando forem despedidos injustamente.

EM SANTA BÁRBARA DO OESTE (S. Paulo) L. DIAS — (CORRESPONDENTE DA VOZ)

Escrevo para relatar a situação dos trabalhadores agrícolas de Santa Bárbara do Oeste (S. Paulo).

Na Usina Santa Bárbara trabalham cerca de 110 assalariados agrícolas. Esses trabalhadores saem do ponto às 6 da manhã e chegam de volta às 6 da tarde. Tudo isto para ganhar 48 cruzeiros por dia. Como pode viver uma criatura com esse ordenado? Não

se ganha domingo. Quando chove são todos obrigados a trabalhar. O feitor, enquanto isto, fica agasalhado. Além disto sofrem os assalariados agrícolas muitas perseguições.

Por exemplo: o feitor da usina, de nome Antenor, demitiu 7 trabalhadores que disseram a verdade sobre a exploração e reclamaram seus direitos. Quando os trabalhadores saem um pouco para atender a uma necessidade, o feitor logo grita com eles que estão dando prejuízo à companhia. O gerente e o usineiro Roberto Alves dão mão forte a esse feitor.

Enquanto vivemos na miséria o usineiro Roberto Alves compra fazendas e mais fazendas. Cada ano adquire um cadilque de mil e tantos contos. Seus trabalhadores não têm nem o que comer. Conheço muitos casos de trabalhadores que trabalham dias e mais dias passando fome.

Eu recebo 1.500 cruzeiros por mês e a minha despesa importa em 2 mil cruzeiros. Veja só que triste situação. Como não tenho de onde tirar esses 500 cruzeiros que me faltam todo mês, tenho que passar fome. Muito mais triste é ver aqueles que têm 4 ou 5 filhos na mesma situação.

Por tudo isto precisamos que seja aplicada a lei do salário-mínimo, que nos registrem com carteira do Ministério do Trabalho e que nos garantam os outros direitos que a lei nos dá, especialmente o domingo remunerado.



A REUNIÃO TRIMESTRAL DA ULTAC

o leitor destaca em primeiro lugar a importância da resolução do órgão dirigente da ULTAC sobre a participação dos assalariados agrícolas na campanha dos sindicatos operários pela elevação do salário-mínimo. Assim, assinala, ingressa a ULTAC no caminho justo para conseguir a aplicação dessa lei no interior do Ceará, bem como para estreitar a aliança entre o proletariado urbano e rural.

Quando a decisão ali adotada de convocar para o mês de julho uma Conferência de Defesa do Algodão, considera o nosso leitor que o mais justo seria que a ULTAC, inicialmente, promovesse entendimentos com a FAREC e com as Associações Rurais com vistas a alcançar a união de todos os lavradores do algodão, a exemplo do que foi feito na Alta Sorocabana, cuja experiência foi publicada pela VOZ OPERÁRIA n° 360. Para alcançar um preço mínimo justo para o algodão — ressaltava o nosso leitor — as organizações de lavradores devem unir a todos, desde os camponeses pobres aos grandes fazendeiros, e não tomar iniciativas exclusivistas. Esse é também o caminho, insiste, de ser alcançado o imediato estabelecimento das relações com a U.R.S.S. para assegurar o escoamento da safra algodoeira. Considera ainda o nosso leitor que o mais justo seria aprovar uma resolução com vistas a empenhar-se pela normalização do funcionamento da Comissão Cearense pela Reforma Agrária ao invés de fixar uma cota de assinaturas a ser alcançada até 30 de junho.

Estamos inteiramente de acordo com as observações do nosso leitor. Agora mais do que nunca a unidade é o caminho da vitória.

NO TRABALHO desenvolvido por alguns propagandistas entre as massas populares e particularmente entre os operários, na luta por uma anistia ampla, têm surgido inúmeras perguntas e dúvidas, às quais os nossos propagandistas precisam dar respostas e esclarecimentos precisos.

POR QUE É JUSTA A LUTA PELA ANISTIA AMPLA

1. QUE É A ANISTIA?

EM GERAL, a anistia significa a anulação de punições, imposições ou quaisquer medidas restritivas estabelecidas por leis, processos ou outros instrumentos legais. A anistia é o restabelecimento de direitos. Falamos comumente, por exemplo, em anistia no Sindicato, no clube, ou na associação a que pertencemos. Significa aqui, quase sempre, que certos sócios que perderam os direitos estatutários por terem deixado de pagar

as mensalidades são perdoados desse pagamento e passam a gozar de todos os direitos.

O povo brasileiro trava agora uma luta patriótica pela anistia. Aqui se trata de uma anistia política. É medida ampla e de caráter democrático que consiste em restabelecer os direitos políticos de todos os cidadãos presos ou perseguidos por motivos políticos, a partir de 1945, data em que foi concedida a última anistia.

2. PORQUE A ANISTIA É UMA NECESSIDADE

SÃO injustas quaisquer discriminações ideológicas e políticas. As discriminações violam o preceito constitucional que diz que todos são iguais perante a lei e é livre a manifestação do pensamento. As discriminações ideológicas e políticas, além do mais são fruto da «guerra fria», de uma época já superada na vida internacional. Desarmar os espíritos é terminar com as discriminações. Congraçar a família brasileira é terminar com as discriminações. E o meio de terminar com as discriminações políticas e ideológicas, que separam em vez de unir os brasileiros é decretar a anistia ampla.

A desigualdade e a discriminação políticas pesam tanto, de forma negativa, na vida brasileira, entram de tal modo o desenvolvimento democrático, que se tornaram a principal questão a resolver, no momento, em nosso país. E dado o fato de se terem tornado a questão principal, resolvida esta, por meio de uma ampla anistia a todos os processados e perseguidos desde 1945, todos os demais problemas podem ser posto em movimento, pois que foi removido o principal obstáculo ainda existente à plena vigência da Constituição e ao exercício da democracia no Brasil. A anistia é, assim, o elo que puxa e impulsiona todas as demais tarefas democráticas. Daí a necessidade de lançar todas as forças nessa ampla campanha de que ninguém está excluído, e levá-la à vitória.

Em favor da anistia foi apre-

sentado no Parlamento um projeto, pelo líder do governo, deputado Vieira de Melo. Tal projeto, em sua redação original, prevê a anistia, entretanto, somente para as pessoas implicadas nos acontecimentos político-militares de 11 de novembro até hoje.

3. SOMOS, ENTÃO, CONTRA O PROJETO DO GOVÊRNO?

NÃO. Absolutamente. Este é um projeto que coloca na ordem do dia a questão da anistia. Abrindo a discussão desse problema, o projeto dá armas ao povo para tornar vitoriosa a sua exigência de anistia ampla. Apenas esse projeto não atende por completo às finalidades anunciadas pelo próprio governo. Todos os patriotas e democratas reconhecem a necessidade de pacificar o país e promover o congracamento de todos os brasileiros a fim de que possam ser solucionados os problemas nacionais. Devemos então ser por uma anistia ampla que a todos atinja indistintamente, no período proposto e em todo o período precedente. Não somos, portanto, contra o projeto do governo, nem por sua substituição. Lutamos pela aprovação desse projeto, extensivo a todos os condenados e processados por motivos políticos a partir de 1945.

6. Não Será a Anistia Ampla Uma Medida Impossível, Irrealizável no Momento Atual?

NÃO. Nunca existiram tão boas condições para a vitória dessa exigência popular. Testemunho disso são as últimas vitórias do povo brasileiro: as eleições de 3 de outu-

bro, o movimento de 11 de novembro, a posse dos eleitos, a suspensão do estado de sítio. Hoje, mais do que nunca, essa medida está na ordem do dia. É uma necessi-

dade para a consolidação da democracia no país. Mas, a anistia ampla não cairá do céu. Só será vitoriosa como fruto da ação unida e organizada do povo. É precisamente agora,

em que se discute o projeto de iniciativa do próprio governo, é o momento de as massas populares exigirem a imediata aprovação da anistia ampla.

4. MAS A ANISTIA AMPLA, AO INVÉS DE PACIFICAR, NÃO VIRIA TUMULTUAR O CENÁRIO POLÍTICO DO BRASIL?

AQUI surgem duas questões:

a) Certa imprensa reacionária difunde insistentemente que a anistia ampla só viria beneficiar aos comunistas. É falso. Muitos patriotas, inúmeros trabalhadores e líderes sindicais, simples homens do povo, atingidos pelas injustiças e discriminações praticadas nos últimos dez anos, terão seus direitos constitucionais plenamente restabelecidos. Entre eles, está claro, incluem-se os comunistas, pois, se assim não fosse, a anistia deixaria de ser ampla. Quanto aos comunistas, estes sempre lutaram pelo cumprimento dos direitos e liberdades inscritos na Constituição, pelo avanço da democracia em nosso país, pela paz e a independência nacional. Sua participação, por exemplo, nas eleições de 3 de outubro e em todos os acontecimentos subsequentes, tem sido uma contribuição decisiva para evitar que o país seja mergulhado numa ditadura fascista, desejada e tramada pelos imperialistas norte-americanos. E agora, a contribuição leal e decidida dos comunistas, aberta e em comum com todos os que querem o bem do país, é cada vez mais necessária para a consolidação da democracia e a conquista de uma vida melhor para o povo. Os comunistas não «tumultuam», como

querem fazer crer os inimigos do Brasil, não servem aos golpes nem às quarteladas; servem ao povo e estão dispostos a marchar com todos aqueles que se colocarem a favor do povo.

b) Alguns patriotas, por incompreensão, dizem que a anistia ampla servirá aos que tentaram rasgar a Constituição, anular, pela força, os resultados do pleito de 3 de outubro e as demais conquistas democráticas do povo. Estes — dizem — voltariam a ameaçar a nação. Não seria o caso, por exemplo, de excetuar da anistia os elementos envolvidos no episódio de Jacaré-Acanga?

Também nesse caso a anistia deixaria de ser ampla, o que não contribuiria para a conquista dos objetivos de pacificação e união do povo, visados pela medida. Muitos dos que aderiram às conspirações antidemocráticas, poderão hoje, esclarecidos sobre o erro em que incidiram, aderir à causa da democracia. É certo que uma minoria reacionária persiste nas mesmas posições. O amplo clima de liberdade para todos facilitará anular, porém, todas e quaisquer tentativas que visem à instauração da ditadura fascista. Com a anistia, o povo será mais forte para derrotar as maquinações reacionárias.

5. A Aprovação da Anistia Ampla Não Criaria Complicações à Posição do Brasil no Exterior?

ESSE é também um argumento de fundo reacionário, cuja essência é a seguinte: a anistia ampla não irritaria os homens do Departamento de Estado norte-americano? Naturalmente que ao imperialismo norte-americano, interessado na escravização de nosso povo e na instauração de uma ditadura terrorista em nosso país, não agrada qualquer espécie de anistia. Não somos, no entanto, obrigados a obedecer às suas imposições. Quem deve decidir dos destinos do Brasil é o povo brasileiro. E este sabe que nenhum futuro tem o governo que se apoie no imperialismo-norte-americano. As últimas declarações do governo francês vêm corroborar essa afirmação.

ARGUMENTOS PARA OS COMBATENTES DA CAUSA DA ANISTIA

AUTONOMIA E ANISTIA AMPLA

Reivindicações do Povo Carioca

★
Empolgante demonstração de unidade que será um fator de vitória da população do Distrito Federal — Prestes enviou calorosa mensagem ao II Congresso Pró-Autonomia



NO THEATRO JOÃO CAETANO, ONDE SE ENCERROU O II CONGRESSO PRÓ-AUTONOMIA, REUNIRAM-SE MAIS DE 2 MIL CARIÓTIPOS, REPRESENTANDO TODAS AS FORÇAS POLÍTICAS, SINDICATOS E ORGANIZAÇÕES POPULARES DO DISTRITO FEDERAL.

MAGNÍFICO exemplo da unidade que predominou nos trabalhos do II Congresso Pró-Autonomia e Reivindicações do Povo Carioca foi a sessão solene de encerramento, realizada no Teatro João Caetano. Milhares de pessoas lotavam completamente todas as dependências da popular casa de espetáculos, sendo iniciada a sessão num ambiente de grande entusiasmo e vibração. A mesa foi constituída do vereador Levy Neves, presidente da Comissão Executiva do Congresso; dos representantes do prefeito Negrão de Lima e do comandante do Corpo de Bombeiros; dos senadores Gilberto Marinho, Alencastro Guimarães, Moura Brasil, Coimbra Bueno e ex-senadores Mozart Lago e Guilherme Malaquias; dos deputados Benjamin Farah, Frota Moreira, Georges Galvão, João Machado, Bruzzi Mendonça e Leônidas Cardoso; dos vereadores Hélio Walcacer, Alvaro Dias, Ary Costa e Waldemar Viana; do ex-prefeito Dulcídio Cardoso; do representante da Assembleia de Pernambuco, deputado Inácio Valadares; dos atores Colé Santana e Ferreira Maia; da atriz Heitor Beltrão e outras personalidades.

As reivindicações cariocas

Completo levantamento das reivindicações do povo carioca foi efetuado durante a sessão de encerramento, particularmente nos debates das comissões técnicas que se realizaram nos bairros da cidade. Nesses debates, engenheiros, professores, médicos, economistas, técnicos e políticos discutiram com o povo os problemas cruciantes do Distrito Federal e elaboraram as teses e indicações que foram lidas na sessão de encerramento. A falta de transportes, de água, de um sistema eficiente de abastecimento, de escolas, de habitações, de hospitais e postos de saúde, de um bom serviço de arrecadação de lixo, foram alguns dos principais problemas abordados pelos oradores, que deixaram claro que não se tratava apenas de conquistar o direito de eleger o prefeito do Distrito Federal, mas sim de, com a autonomia, criar as condições para a solução desses problemas.

Autonomia para 1956

Na tribuna, o ex-senador Mozart Lago comunicou que a emenda autonomista foi incluída na ordem-do-dia da Câmara dos Deputados, tudo fazendo crer que seja aprovada ainda este mês e, posteriormente, promulgada pelo Congresso Nacional, já que não depende de sanção presidencial.

O autor da emenda autonomista mostrou também a necessidade de ser travada uma luta para que a eleição do prefeito seja realizada ainda em 1956, pois do contrário ela ficará para 1960.

Principais moções

O professor Nelson Costa leu as teses e moções aprovadas durante o Congresso. Entre as moções, destacam-se

as enviadas ao Senado Federal, à Câmara de Deputados e ao presidente da República, agradecendo esforços pela autonomia e pedindo imediata aprovação da mesma à Câmara de Vereadores, pedindo rejeição do absurdo aumento dos bondes; ao presidente Juscelino Kubitschek, saudando suas palavras sobre a Petrobrás, que deve ser mantida e apoiada; aos trabalhadores, conclamando-os a lutarem pela autonomia; ao governo, pelo imediato reajustamento do salário-mínimo e pelo barateamento do custo da vida.

Prestes calorosamente saudado

O vereador Levy Neves leu a mensagem enviada ao Congresso pelo presidente Juscelino Kubitschek, em que este, depois de lembrar que a autonomia fora uma das ban-

Encerramento

Diversos oradores discursaram, ainda, na sessão de encerramento do Congresso. Foram eles a viúva Heitor Beltrão, o vereador Hélio Walcacer, o presidente do Sindicato dos Artistas, sr. Ferreira Maia; o deputado Leônidas Cardoso; o deputado pernambucano, Inácio Valadares; o sr. Allah Batista, presidente do Clube Municipal; o dirigente sindical Benedito Cerqueira, em nome dos trabalhadores; o senador Coimbra Bueno e o coronel Dulcídio Cardoso.

Mensagem de Luiz Carlos Prestes

Entre as inúmeras mensagens enviadas ao Congresso Pró-Autonomia, destaca-se a do grande líder do povo brasileiro, Luiz Carlos Prestes, grande batalhador pela autonomia do Distrito Federal e que foi o senador mais votado pelos cariocas em 1945. É o seguinte o texto da mensagem:

«Ao II Congresso Pró-Autonomia e Reivindicações do Povo Carioca.

Congratulo-me com o povo carioca pela realização de tão importante conclave e lamento que as circunstâncias ainda não me permitam uma participação mais direta e pessoal em seus trabalhos.

Acompanho com vivo interesse a atividade que vem sendo desenvolvida por todos os democratas e patriotas da bela e querida terra carioca com a finalidade de alcançar a revogação do injusto preceito constitucional que nega ao povo carioca o direito de eleger seu próprio governo. A autonomia do Distrito Federal é uma necessidade inadiável porque só o povo, através de seus legítimos representantes, está em condições de encontrar solução para os graves problemas que afligem à população inteira do Distrito Federal. Através do voto livre, o povo saberá eleger um Prefeito que resolva os angustiantes problemas da falta d'água, do precário transporte urbano, da falta de escolas e hospitais, um Prefeito que se comprometa a empregar os recursos do povo

em benefício do próprio povo.

Com a realização desse Congresso o povo carioca dá mais um testemunho de seu alto nível democrático e indica a todo povo brasileiro o caminho da unidade como o mais acertado e o único capaz de garantir a justa solução dos sérios problemas que deve agora resolver.

Augurando completo êxito a esse II Congresso, estou certo de que o belo exemplo do povo carioca muito concorrerá para estimular a mais ampla unidade de todos os patriotas e democratas brasileiros na grande batalha que hoje travamos em defesa das liberdades democráticas e da Constituição, pelo conagração da família brasileira, em defesa do petróleo e da soberania nacional, pela paz e as relações amistosas com todos os povos, por medidas práticas contra a carestia da vida e pela imediata melhoria das condições de vida de todos os trabalhadores.

Pela autonomia do Distrito Federal, salve o povo carioca!

a) Luiz Carlos Prestes».

★ ★ Unidade Para Conquistar a Autonomia e a Anistia

ENTRE as reivindicações do povo carioca levantadas no II Congresso Pró-Autonomia, figura a da anistia ampla para os processados e perseguidos por motivos políticos desde 1945. Em seu discurso, o senador Gilberto Marinho reclamou a concessão da anistia ampla, «esta grande exigência democrática» e conclamou o povo a «desfraldar a bandeira da autonomia e, ao seu lado, a bandeira da anistia ampla, do conagração de todos os brasileiros». Essas palavras foram calorosamente aplaudidas pela assistência, de pé.

Em incisiva oração, o vereador Hélio Walcacer incluiu a anistia entre as mais sentidas aspirações do povo carioca, tradicionalmente defensor das liberdades democráticas. No mesmo sentido pronunciou-se o ex-prefeito do Distrito Federal, o coronel Dulcídio Cardoso, que declarou exigir «a situação nacional o trabalho de todos os brasileiros, a concórdia. Por isso, impõe-se a concessão de uma anistia

ampla. Falando em nome da Comissão Nacional Pela Anistia, o general Leônidas Cardoso saudou o Congresso e ressaltou a necessidade de que, através a unidade demonstrada no Congresso, seja impulsionado o processo democrático em curso no país com a conquista de medidas democráticas como a autonomia do Distrito Federal e a anistia ampla.

★ LANÇADAS NO ATO DA ABI

Quinzena Carioca da Anistia e Campanha Nacional de Finanças

Aclamada a aprovação pelo Senado da anistia para os jornalistas processados pela Lei de Segurança

O LANÇAMENTO da Quinzena Carioca da Anistia (2 a 17 de maio) e da Campanha Nacional de Finanças para custear a realização do movimento, foram as duas importantes resoluções do ato público levado a efeito no dia 18 de abril na ABI, em comemoração do 11º aniversário da decretação da anistia, em 1945.

Com o plenário e galerias completamente lotados por uma vibrante massa popular, o deputado José Miraglia abriu a sessão, referindo-se em seu discurso à necessidade de ser intensificada a ação conjunta do povo e dos parlamentares que lutam pela anistia ampla. Indescriível entusiasmo apôs-se de todos os presentes, quando o deputado Bruzzi Mendonça transmitiu uma mensagem do senador Gilberto Marinho, na qual o parlamentar carioca excusava-se por não ter podido comparecer e comunicava que a causa da anistia havia obtido uma grande vitória: fôra aprovada, no Senado, a anistia para os jornalistas condenados pela Lei de Segurança, entre os quais Pedro Motta Lima, diretor da «Imprensa Popular». Calorosa ovação saudou essa comunicação, assim como ao jornalista Paulo Motta Lima, que se encontrava presente e que foi conduzido até à mesa.

Discursaram ainda, entre outros, os deputados Rogê Ferreira, Abguar Bastos, Pedro Braga e Frota Moreira, o general Artur Carnaúba, o vereador Hélio Walcacer e o representante da União dos Estudantes da Bahia, universitário Naylor Santos. Em sua inflamada oração, o deputado Rogê Ferreira lembrou as memoráveis jornadas democráticas dos anos de 1943 a 1945, cuja unidade deve ser desenvolvida na atual batalha pela anistia. O deputado Abguar Bastos demonstrou que a anistia deve ser ampla, pois se fôr para dois ou três não é anistia, mas indulto. O parlamentar trabalhista Frota Moreira assinalou que o ato político mais importante do ex-presidente Vargas foi a concessão da anistia ampla em 1945 e demonstrou, em seguida, que é possível conseguir uma vasta frente-única de todas as camadas populares e grupos políticos na luta pela anistia.

O presidente da mesa leu, no decorrer da sessão, inúmeras mensagens de saudação enviadas à Comissão Nacional Pela Anistia, destacando-se uma assinada por 25 deputados da Assembleia Legislativa do Estado do Rio, trazida pelo vereador Hélio Coutinho.

Outra importante mensagem foi enviada pelo líder católico Francisco Mangabeira, na qual este declara que seria uma monstruosidade jurídica a exclusão da anistia de um homem como Luiz Carlos Prestes e assinala que a anistia é hoje tão necessária como o foi em 1945.

A resolução tomada sobre a Quinzena Carioca da Anistia estabelece que a mesma será realizada de 2 a 17 de maio, devendo ser encerrada com um grande comício na Esplanada do Castelo.